

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

**OLHARES E CRÍTICAS FEMINISTAS SOBRE A MUSEOLOGIA: MAPEAMENTO  
E MUSEU VIRTUAL**

ALLINNY RAPHAELLE VITOR DE LIMA

Goiânia

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

**OLHARES E CRÍTICAS FEMINISTAS SOBRE A MUSEOLOGIA: MAPEAMENTO  
E MUSEU VIRTUAL**

ALLINNY RAPHAELLE VITOR DE LIMA

Monografia apresentada como pré-requisito  
para a aprovação na disciplina Trabalho de  
Conclusão de Curso, do Curso de Museologia -  
Bacharelado, da Faculdade de Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> CAMILA AZEVEDO  
DE MORAES WICHERS

Goiânia  
2017

## AGRADECIMENTOS

*Todos estes que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles Passarão,  
Eu Passarinho!  
(Mario Quintana)*

Este poema que trago impresso na pele representa todos os obstáculos que passei até que pudesse chegar a este momento, a conclusão de uma graduação significa um grande voo para uma mulher Sul Americana, de periferia, provinda de escola pública, filha de professores da rede estadual de educação. Entretanto, Eu, não seria Passarinho, se não fosse pelas pessoas que compartilharam comigo toda esta trajetória e me auxiliaram em todos os percalços que obtive em meu caminho.

Por isto, em primeiro lugar agradeço as Mulheres que caminharam comigo e junto a mim também descobriram suas asas e se permitiram voar e descobrir suas capacidades e sua liberdade.

Em especial, agradeço minha mãe, exemplo de mulher guerreira, regada a força, determinação e muito amor, que conseguiu superar todas as adversidades que a vida lhe apresentou e se tornou um exemplo em todas as suas ocupações sociais, que sempre me instigou a ser a mulher que pudesse e quisesse, não apenas com palavras, mas com exemplos diários, me demonstrando a força que uma mulher pode ter.

Também não poderia deixar de ressaltar a importância dos homens em minha vida, em particular de meu pai e meu irmão, que se dispuseram em todos os momentos a me proporcionar o auxílio que fosse necessário para que pudesse alcançar este voo com minhas próprias asas, que se permitiram (e permitem) a refletir e desconstruir diariamente seus privilégios enquanto homens e que contribuíram diretamente em meu processo de formação de caráter enquanto uma mulher feminista.

Aos meus professores de curso que cada um em sua modalidade, seja com exemplos positivos ou negativos me fizeram acreditar e lutar por uma Museologia Social que contribua diretamente com a transformação de uma sociedade mais humana e mais justa, e conseqüentemente me auxiliaram a escolher a profissional que pretendo ser e as lutas das quais faço questão de participar. Mas, em especial, agradeço pela professora Camila Wichers que desde o primeiro contato já me fez apaixonar por uma Museologia que representava a esperança

que carrego comigo, e como um exemplo de Mulher e de Museóloga me orientou das mais variadas formas durante todo meu processo de graduação e que me inspirou e inspira em continuar a usar as formas que encontrar para proporcionar uma vida mais fácil para àqueles que não possuem os mesmos privilégios que tivemos a sorte de conseguir. Também devo agradecer fortemente ao museólogo Tony Boita, que primeiro enquanto colega de curso e posteriormente me dando o prazer de ser meu amigo e professor, indiretamente me proveu o interesse pelo movimento estudantil, o que abriu meus horizontes para espaços ainda não apresentados, e que me proveu vários momentos de reflexões e de sabedoria, me ensinando que se não for para ser feito com todo o amor que tiver, não vale a pena fazer. Ao professor Jean Baptista, que me ensinou que não estamos sozinhos em nossas lutas, e que lutar sozinho faz parte, mas lutar com alguém do lado nos torna mais forte. Uma pessoa e um profissional que me faz acreditar que vale a pena levantar todos os dias e enxergar para além de nossa própria realidade, que existem outras pessoas no mundo que precisam de nosso apoio assim como também precisamos delas. E ao professor Rildo Bento, que sempre com um senso de justiça imparcial, me proporcionou todo apoio e orientação, para que pudesse superar as contrariedades que encontrei em meu trajeto dentro da universidade e que pudesse trilha-lo de forma mais afetuosa.

Também devo agradecer aos colegas de curso que contribuíram para minha formação e que auxiliaram no processo de formação da profissional que pretendo ser, em particular as amigas que irei carregar para sempre e que serviram de apoio nos momentos em que mais precisei e que a vontade de desistir era maior, mas que seguraram minhas mãos e que nessa conclusão, voam junto comigo.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar a este término de graduação com as ideologias e moral que tenho orgulho de ter construído e que em nome de todos estes, e de todas as mulheres que não tiveram a mesma sorte que eu, seja esta conclusão apenas o início de um voo que se tornará ainda mais distante e libertador.

Obrigada!

## **LISTA DE SIGLAS**

ICOM - International Council of Museums

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

FUFSE – Fundação Universidade Federal de Sergipe

FUPF – Fundação Universidade de Passo Fundo

MVTM – Museu Virtual Templo das Musas

MINOM- Movimento Internacional para uma Nova Museologia

PUC – Pontifícia Universidade Católica

UCB – Universidade Católica de Brasília

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFGRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPEl – Universidade Federal de Pelotas

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
UFS – Universidade Federal de Sergipe  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos  
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria  
UFU – Universidade Federal de Uberlândia  
ULBRA – Universidade Luterana do Brasil  
UNAMA – Universidade da Amazônia  
UnB – Universidade Federal de Brasília  
UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
UNESP – Universidade Estadual Paulista  
UNIBAVE – Universidade Barriga Verde  
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas  
UNICASTELO – Universidade Castelo Branco  
UNIMARCO – Universidade São Marcos  
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville  
USP – Universidade de São Paulo  
UTP – Universidade Tuiuti do Paraná

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produções entre mulheres e homens .....	54
Gráfico 2 - Temas abordados .....	56

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Consequências da genderização dos elementos definidores da Sociomuseologia. Fonte: RECHENA, 2011, p.166-167.....	33
Quadro 2 - Revista Musas .....	40
Quadro 3 - Trabalhos Monográficos .....	41
Quadro 4 - Dissertações (Mestrado) .....	43
Quadro 5 - Tese (Doutorado).....	44
Quadro 6 - Quadro de estrutura do MVTM.....	71

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Segundo Sexo, Simone de Beauvoir .....	16
Figura 2 - Passeata de mulheres em Los Angeles (1970) .....	18
Figura 3 - PAGU (Patrícia Rehder Galvão) .....	19
Figura 4 - Templo das Musas .....	63
Figura 5 - HOME MVTM .....	72

## **RESUMO**

A pesquisa aqui apresentada trata-se de uma análise crítica sobre como a Museologia brasileira atual vem trabalhando com as questões referentes ao Feminismo. Esta, se propôs a questionar como a Museologia brasileira está abordando as histórias, memórias e identidades das mulheres e como as invisibilidades femininas e contradições que perpetuam o nosso cenário museológico junto as pesquisadoras e pesquisadores estão se colocando diante dessas demandas políticas e sociais. Desta forma, o trabalho foi construído em três momentos, no primeiro momento recorreremos a um levantamento histórico e teórico que apresentou questões referenciais as categorias de Feminismo, Gênero, Mulher e Museologia Social, neste espaço também tecemos uma crítica sobre a ausência de uma Museologia Feminista e a importância da mesma em ambientes de representação da memória. No segundo momento é trilhado a pesquisa bibliográfica que demonstra por meio de apresentação de dados a afirmação de nossa hipótese de que a Museologia brasileira, não tem produzido pesquisas ou ações museológicas com abordagens feministas. Para o levantamento dos dados foi realizado um mapeamento por meio de artigos da revista Musas, trabalhos de conclusão de curso de Bacharelado em Museologia e nas teses e dissertações que abordassem relevância para a Museologia. Por fim foi proposto a criação de um museu virtual como espaço de experimentação museológica, envolvendo dois movimentos: Como ferramenta para a preservação e socialização de narrativas pessoais de mulheres e como suporte de pesquisa para estudantes e profissionais de Museologia e do campo patrimonial, interessadas/os nas abordagens feministas. Por fim, constatamos por meio da pesquisa que a Museologia é um campo com grandes possibilidades de atuação direta na vida das pessoas, assim como nos mostra a teoria apresentada pela Museologia Social, entretanto, mesmo com este caráter, ainda percebemos a falha em pontos básicos das discussões e com isto, continua a se apresentar como uma Museologia voltada para o discurso masculino, machista e opressor.

### **Palavras-chave**

Feminismo. Gênero. Sexualidade. Museologia Social. Museu Virtual.

## **ABSTRACT**

The research presented here is a critical analysis of how current Brazilian Museology has been working with issues related to Feminism. It proposed to question how Brazilian Museology is approaching the histories, memories and identities of women and how the feminine invisibilities and contradictions that perpetuate our museological scene together the researchers and researchers are facing the political and social demands. In this way, the work was constructed in three moments, in the first moment we resorted to a historical and theoretical survey that presented reference questions the categories of Feminism, Gender, Woman and Social Museology, in this place we also criticized the absence of Feminist Museology and the importance of it in memory representation environments. In the second moment, the bibliographical research that demonstrates through the presentation of data the assertion of our hypothesis that Brazilian Museology has not produced museological researches or actions with feminist approaches is presented. In order to collect the data, a mapping was carried out by means of articles from the Musas magazine, work on the conclusion of a Bachelor's degree in Museology and theses and dissertations that addressed relevance to Museology. Finally, it was proposed the creation of a virtual museum as a space for museological experimentation, involving two movements: As a tool for the preservation and socialization of personal narratives of women and as a research support for students and professionals in Museology and heritage field, feminist approaches. Finally, we find through the research that Museology is a field with great possibilities for direct action in people's lives, as shown by the theory presented by Social Museology, however, even with this character, we still perceive the failure in basic points of the discussions and with this, continues to present itself as a Museology focused on masculine, sexist and oppressive discourse.

### **Key Words**

Feminism. Genre. Sexuality. Social Museology. Virtual Museum.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I – FEMINISMO, GÊNERO E MUSEOLOGIA.....	15
1.1 AS ONDAS DO FEMINISMO.....	15
1.2. CATEGORIA GÊNERO.....	21
1.3. CATEGORIA MULHER.....	25
1.4. MUSEOLOGIA SOCIAL E MUSEOLOGIA DE GÊNERO.....	28
1.5. AUSÊNCIA DE UMA MUSEOLOGIA FEMINISTA.....	33
CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA UM MAPEAMENTO FEMINISTA DA PRODUÇÃO MUSEOLÓGICA BRASILEIRA.....	37
2.1. PROCESSO DE LEVANTAMENTO DOS DADOS.....	40
2.1.1. REVISTA MUSAS.....	44
2.1.2. PRODUÇÕES MONOGRÁFICAS.....	45
2.1.3. DISSERTAÇÃO – MESTRADO.....	48
2.1.4. TESES – DOUTORADO.....	52
2.1.5. DADOS GERAIS.....	54
CAPITULO III – NOVAS DEMANDAS TECNOLÓGICAS E MUSEU VIRTUAL.....	57
3.1. MUSEU VIRTUAL – CONCEITO.....	57
3.2. A CRIAÇÃO DO MUSEU VIRTUAL.....	59
3.2.1. ESCOLHA DO NOME.....	61
3.2.2. OBJETIVOS.....	63
3.2.3. PROCESSOS MUSEOLÓGICOS.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	77

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida. ”

Simone de Beauvoir

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas muito se tem estudado, ou pelo menos falado sobre a diversidade de gênero, e pensar essa perspectiva no campo da Museologia é um desafio que deve ser proposto. Todavia, a discussão de gênero engloba uma gama de variações, como os estudos da sexualidade, corporalidades, identidades, cultura gay, lésbica e bissexual, assim como os estudos transgêneros. Desta forma, os estudos de gênero não possuem um foco específico nas relações diretas entre mulher/homem. Essa variação de objetos de estudo dentro da categoria de Gênero promove um debate enriquecedor, entretanto, ao pensarmos em feminismos, esta categoria não se aprofunda de maneira teórica e política em lutas específicas das mulheres como direitos sobre o próprio corpo, maternidade, equidade econômica, social e cultural, feminicídio, entre outras tantas mazelas que as mulheres, principalmente negras e da periferia ainda são sujeitas em suas realidades.

E, percebendo que estas desigualdades entre mulheres e homens ainda permanecem gritantes e que as estatísticas de violência sobre as mulheres aumentam a cada dia, bem como o tráfico internacional de mulheres, entre tantos outros malefícios providos de uma sociedade machista e heteronormativa, é que questionamos sobre como a Museologia poderia contribuir para promover um alcance sobre a valorização das memórias e identidades das mulheres e promover ações em prol da equidade entre os gêneros.

Portanto, pensando a Museologia enquanto uma ciência social, e museus como instituições que possuem em seu alicerce um compromisso com a relação do ser humano, objeto e sociedade, é que justifico esta pesquisa. A Museologia possui a capacidade para aderir a esses novos estudos e buscar meios para promover este alcance social. E é justamente isto que este trabalho irá procurar fazer.

Descobrir formas, por meio da Museologia, que possam auxiliar mulheres em seu processo de emancipação e empoderamento social e conseqüentemente, instigar novas (os) museólogas (os) para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para os conflitos mulher/homem e ações afirmativas que possam provocar uma melhoria significativa para este quadro tão triste que ainda nos encontramos.

Desta forma, trabalharemos com a hipótese de que atualmente no Brasil não existe, ou se existe, trata-se de um número irrelevante de estudos e práticas museológicas voltadas para o cotidiano e lutas das mulheres a partir de uma perspectiva feminista. Dito isto, procuraremos

perceber como a Museologia brasileira tem tratado essas questões e como ela poderia intervir na sociedade visando reduzir as desigualdades de gênero.

Teremos então como objetivo geral uma reflexão sobre como as histórias, memórias e identidades das mulheres estão sendo tratadas nos estudos museológicos brasileiros. Buscaremos também discutir as invisibilidades e contradições que perpetuam o nosso cenário museológico, e como as pesquisadoras e pesquisadores estão se colocando diante das novas demandas políticas e sociais. Também será levantado a proposta da criação de um museu virtual que se insere dentro de novas demandas tecnológicas e perceber como os museus e a Museologia podem atuar nesse novo contexto.

Sendo assim, o trabalho apresenta como objetivos específicos:

- Refletir sobre as categorias “mulher” e gênero e suas aplicações na Museologia, a partir do diálogo com os estudos feministas;
- Compreender as diferenças e semelhanças entre uma Museologia feminista e uma Museologia de gênero;
- Realizar um levantamento da bibliografia museológica presente em periódicos, monografias, dissertações e teses e evidenciar a presença e ou ausência de mulheres como autoras;
- Por meio do mapeamento realizado identificar a presença e ou ausência de temáticas feministas;
- Propor a criação de um museu virtual como espaço de experimentação museológica, envolvendo dois movimentos: Como ferramenta para a preservação e socialização de narrativas pessoais de mulheres e como suporte de pesquisa para estudantes e profissionais de museologia e do campo patrimonial, interessadas/os nas abordagens feministas.

Para a construção do trabalho e efetivação ou não da hipótese levantada, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que resultou em cerca de 1085 trabalhos, partindo deste universo foi realizado o levantamento dentre o montante de quantos e quais discorriam estudos e práticas voltados para as mulheres com foco no feminismo. Dessa forma, foi realizado o estudo em 7 edições da Revista Musas com um total de 71 artigos; 13 cursos de Bacharelado em Museologia com o total de 661 produções monográficas (ALVES, 2016); 283 dissertações distribuídas em um total de 41 instituições que ofereceram mestrado com alguma relação com a Museologia e por fim 70 teses de doutorado distribuídas em 16 instituições.

É importante ressaltar que para a análise dos trabalhos foram utilizados apenas o título das produções, autor e ano, devido ao fato de que uma leitura mais aprofundada de cada trabalho

iria demandar muito tempo devido ao grande número de produções levantadas, e de toda forma, não é o objetivo deste trabalho avaliar o que vêm sendo produzido pela Museologia brasileira, mas levantar quantos trabalhos falam especificamente sobre feminismo, por isto, a análise dos títulos já nos proporciona os dados necessários para a pesquisa que aqui nos propusemos a realizar.

Por fim, o trabalho finaliza com a proposta de um museu virtual que tem como objetivo prover mecanismos por meio da propagação e salvaguarda da memória e história de mulheres, que possam auxiliar no processo de equidade entre mulheres e homens e uma vivência humana mais justa por meio do empoderamento feminino e da libertação de padrões opressores.

O museu aqui proposto não será meramente um espaço para deleite e apreciação, mas, sobretudo, será um espaço que deverá ser fórum para questões políticas e culturais, neste sentido pretende-se que o próprio museu seja uma ferramenta para pesquisas e experimentação museológica e feminista.

## **CAPITULO I – FEMINISMO, GÊNERO E MUSEOLOGIA**

Para iniciarmos este trabalho que pretende analisar de forma crítica como a Museologia brasileira atual vem trabalhando com as questões referentes ao feminismo, faz-se necessário, antes de tudo, nos situarmos de uma maneira geral sobre categorias fundamentais para este estudo, como “Gênero”, “Mulher” e “Feminismo”. Sendo assim, nesse primeiro capítulo procuraremos discorrer de maneira ampla sobre estas categorias e como elas se mostram fundamentais para uma pesquisa museológica que se compromete com a transformação da sociedade em que está inserida.

### **1.1 AS ONDAS DO FEMINISMO**

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. (ALVES e PITANGY, 1981, p.7)

O Movimento Feminista com o qual nos deparamos em nossa atualidade, remete a um longo processo de transformações desde o feminismo original, se assim o podemos chamar, até o século XXI do qual participamos. Este primeiro movimento, comumente chamado como a Primeira Onda do Feminismo, teve predominantemente um perfil de mulheres brancas, intelectuais e de classe média, do continente europeu e norte americano, o que ao longo das transformações do Movimento Feminista e do passar dos séculos foi se adaptando a novas realidades e novos perfis sociais. Todavia, estas mulheres representaram um enorme avanço nas lutas feministas inspiradas pela busca de uma suposta igualdade entre os sexos e direitos iguais.

Entre o final do século XIX e início do século XX, esta primeira geração de feministas tinha como pauta um movimento liberal que garantisse direitos civis, políticos e educativos de forma igualitária entre mulheres e homens. O objetivo central destas mulheres residia na luta contra a discriminação sobre o sexo feminino e a opressão imposta pelo patriarcado e, conseqüentemente, a garantia de direitos, inclusive o direito a voto.

Estas mulheres conseguiram realizar grandes conquistas feministas, como romper com leis sexistas; o direito à participação na política (inicialmente com direito ao voto e posteriormente com participação direta como representante política); acesso à educação

igualitária, que até o momento era diferenciada entre homens e mulheres, e o direito a possuir bens materiais em seu próprio nome.

Dentro desse movimento era formulada uma pergunta, decorrente da ideia de “direitos iguais”, que será central nas elaborações posteriores do feminismo: “Se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela, e como ela se mantém?” (PISCITELLI, 2009, p. 6)

A partir da década de 1930, esta onda do feminismo perde sua força, todavia, em 1949 é publicado pela primeira vez o livro “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir, autora que teve fundamental importância para a ressurreição do movimento feminista, a partir da década de 1960, quando surgia então a Segunda Onda do Feminismo.

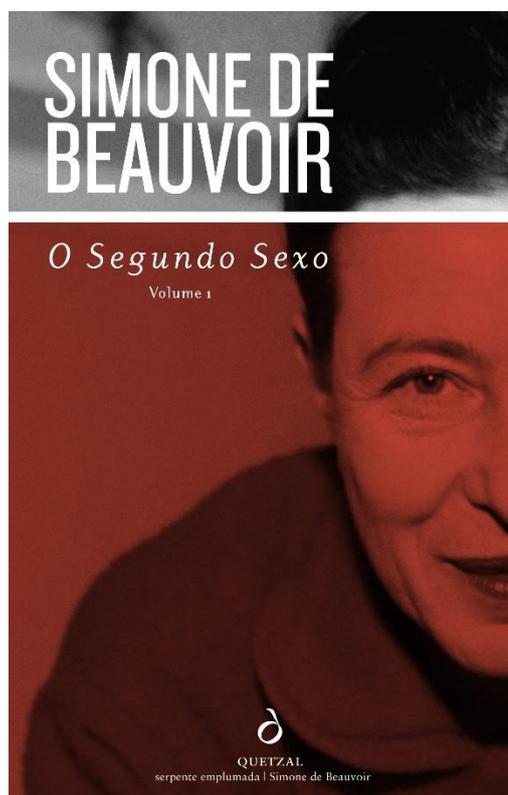


Figura 1 - O Segundo Sexo, Simone de Beauvoir

Beauvoir apresentou em suas pesquisas que, no processo de emancipação feminina, deveria ser levado em conta, além dos direitos políticos que aos poucos vinham sendo conquistados, também e prioritariamente os aspectos sociais que construam a imagem da mulher enquanto um ser que deveria estar subjugado ao homem.

A autora apontava questões ainda não levantadas pelos movimentos feministas, ela instigava uma análise crítica sobre as constituições normativas que eram impostas às mulheres como: o processo imposto da maternidade que não apresentava opções de escolha para a mulher, como por exemplo, se ela gostaria ou não de ser mãe; o casamento como única garantia

de pertencer a um lugar dentro da sociedade; questões sexuais como lesbianismo, identidades sexuais, moralidades e liberdades sexuais e conseqüentemente as prostitutas; e finalmente trabalhos dignos e devidamente remunerados que pudessem prover de fato uma independência financeira à mulher.

Simone de Beauvoir também é a autora da famosa frase “Não se nasce mulher, torna-se”, com esta escrita ela busca afirmar a ideia de que a dominação masculina diante da mulher não se aplica puramente pelas partes biológicas do corpo feminino (aquela com o qual nascemos) e sim no que é construído histórico e culturalmente pela sociedade. Sendo assim, nós mulheres, não nascemos formadas com todas as características e estereótipos femininos que conseqüentemente nos diferenciam do “homem”, nos colocando assim como inferiores a eles, ao contrário, são as próprias construções culturais que nos atribuem essas características. A permanência desses padrões é que auxilia para a manutenção de uma sociedade machista e opressora.

Contudo, foi a partir da década de 1960 que, inspiradas nos movimentos sociais que se constituem na época e pelas novas demandas apresentadas por Simone de Beauvoir, mulheres de todo mundo começaram a se intitular, orgulhosamente, enquanto feministas e a ir às ruas protestar pelos seus direitos. Entretanto, foi nos Estados Unidos da América, devido ao movimento Hippie que se difundia pelo país pregando sua ideologia de paz e amor, decorrente da guerra do Vietnã, e o lançamento da pílula anticoncepcional, que o movimento feminista em sua Segunda Onda teve mais força e repercussão.

É, portanto, neste cenário de movimentações políticas e revoluções identitárias que o movimento feminista retoma sua luta, desta vez buscando não apenas espaço no mercado de trabalho e vida pública social, mas em busca de relações justas entre homens e mulheres. Nesse cenário, as mulheres buscam por liberdade e autonomia sobre suas próprias escolhas e sobre sua vida, comungando com que Simone de Beauvoir apontava, recriar a “forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”. É neste ambiente de força política que acontece a famosa

manifestação das queimas de sutiãs<sup>1</sup> que simbolizava um basta para as opressões que eram direcionadas ao corpo da mulher.



Figura 2 - Passeata de mulheres em Los Angeles (1970)

Entretanto, é importante ressaltar que no Brasil, ao contrário dos lugares já apontados, não se vivia uma onda de renovação e libertações sociais, ao contrário, se iniciava uma onda repressiva causada pelo Golpe Militar de 1964, todavia, estes percalços não impediram que as feministas brasileiras permanecessem na luta, ao contrário, uniram as forças e lutavam pela emancipação feminina e do seu país.

Neste processo, foi percebido que a pauta do movimento feminista não poderia se manter única em todos os lugares do mundo, que, apesar de terem um elo que seria a opressão do homem sobre a mulher, outros fatores também eram relevantes. No Brasil, demandas gerais como escolas, creches e postos de saúde também eram pauta do movimento feminista, desta forma questões sociais e de raça também foram agregadas à luta pela condição de dominação exercida sobre a mulher.

Um nome importante para o feminismo brasileiro que antecede o período de ditadura, mas que já trazia em suas lutas e produções críticas sociais que são importantes até os dias de hoje, é o de Patrícia Rehder Galvão (PAGU).

<sup>11</sup> O episódio conhecido como *Bra-Burning*, ou *A Queima dos Sutiãs*, foi um protesto realizado por cerca de 400 ativistas do WLM (Women's Liberation Movement) contra a realização do concurso de Miss América em 7 de setembro de 1968. As feministas apresentavam não apenas os sutiãs, mas objetos que demonstravam a opressão da beleza sobre as mulheres, como por exemplo sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas, espartilhos, cintas e outros "instrumentos de tortura". A queima efetiva dos sutiãs não aconteceu devido ao intermédio da prefeitura durante o ato, entretanto, o protesto proporcionou um grande impulso para todo o movimento feminista da época, sendo tido como exemplo até os dias atuais.



Figura 3 - PAGU (Patrícia Rehder Galvão)

PAGU, jornalista, militante socialista e feminista, desde seus 15 anos já colaborava com o jornal do bairro e apresentava características subversivas e “problemas com autoridade”. Com influências Modernistas e Marxistas, aos 20 anos se filia ao Partido Comunista e com este ideal nasce o jornal “O Homem do Povo” que era produzido por ela e seu então esposo Oswald de Andrade. Devido a suas militâncias e enfrentamentos, PAGU é considerada como a primeira presa política brasileira.

Portanto, suas posições políticas influenciaram diretamente em sua militância feminista, tendo seu foco no sistema opressor de classes, PAGU criticava as feministas-burguesas que baseavam suas lutas em padrões que não atingiam todas as mulheres, para ela era importante levantar questões sobre a alienação política, o casamento forçado, falta de educação, hipocrisias sexuais, entre outros fatores. Em sua sessão A Mulher do Povo (existente no jornal O Homem do Povo), ela também criticava este feminismo que não atingia a todas as mulheres e problematizava questões que eram realmente relevantes para mulheres menos favorecidas, como as negras e pobres. Em seu artigo “Maltus Além” podemos observar estas questões.

Excluída a grande maioria de pequenas burguesas cuja instrução é feita nos livrinhos de beleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinhas, nos gestos das artistas de cinema mais em voga ou no ambiente semifamiliar dos cocktails modernos – temos a atrapalhar o movimento revolucionário do Brasil uma elitezinha de João Pessoa que sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas berra a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto “para mulheres cultas” achando que a orientação do velho Maltus resolve todos os problemas do mundo. Estas feministas de elite, que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução, porque, não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se têm que entregar para a manutenção de seus filhos, se esquece que a limitação da natalidade quase que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos. (...) O batalhão “João Pessoa” do feminismo ideológico tem em D. Maria Lacerda de Moura um simples sargento reformista que precisa estender a sua visão para horizontes mais vastos afim de melhor atuar no próximo Congresso de Sexo (PAGU, 1931).

São, portanto, estas elucidações que transformam o feminismo da segunda onda, em um feminismo emancipador, que aborda a vivência e realidade de um número maior de mulheres e conseqüentemente, levantam abordagens que questionam não apenas as opressões vividas, mas o porquê das mesmas.

Essas abordagens questionam o suposto caráter natural dessa subordinação, sustentando, ao contrário, que ela é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído – ao não ser natural, inato, fixo – pode ser modificado. Portanto, alterando-se as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupado. (PISCITELLI, 2009 p.9)

Desta forma, estes conceitos e abordagens teóricas começaram a ser questionadas em busca de solucionar os problemas partindo de sua raiz e não apenas fatores pontuais que poderiam auxiliar na vida das mulheres. Novas categorias tiveram de ser incorporadas aos discursos e pesquisas para que ganhassem um patamar político, como, por exemplo, a categoria “Mulher”, onde, apesar de reconhecerem as dinâmicas sociais que separavam as mulheres, haviam também as opressões que atingiam a todas as mulheres, independente de etnia ou classe social.

Outra categoria que teve seu início durante a segunda onda do feminismo foi a de “Gênero”, esta categoria era apresentada como uma forma de resolver problemas que ainda se encontravam na teoria feminista, neste pressuposto o conceito de Gênero surge como uma alternativa para designar algo que seria construído culturalmente, em que seu oposto seria o “sexo”, algo biológico e, portanto, imutável.

É, portanto, diante destes diálogos de uma busca de singularidades, identidades e micropolíticas que a terceira onda do feminismo surge. O estudo “de sexo” é reorganizado para

um estudo de Gênero. Desta forma, os percalços encontrados pelas feministas nesta onda, da qual também estamos vivenciando, se encontra em manter uma paridade nas diferenças e nas igualdades não apenas entre as mulheres, mas em todos os aspectos constituintes do gênero, já pensando aqui em questões como as sexualidades que fogem do padrão heteronormativo e as identidades trans.

Apesar de até o momento este trabalho procurar descrever as ondas do feminismo de uma forma linear, é importante ressaltar que como qualquer movimento social, o mesmo não teve momentos exatos de rupturas, o que abordamos aqui são elementos gerais para que possamos ter uma ideia das conquistas e evoluções que o movimento obteve até agora. Todavia, o movimento está em constante diálogo e dinamismo, as propostas apresentadas por cada onda estão sempre se complementando e coexistindo e são exatamente estas idas e vindas de debates, releituras e (re) discussões que promovem um feminismo que consiga chegar de maneira ativa e efetiva a todas (os) que necessitam do mesmo, entendendo aqui não apenas mulheres (cis ou trans), mas também aos homens.

## **1.2. CATEGORIA GÊNERO**

Como já dito no subitem anterior, a partir das escritas tecidas por Simone de Beauvoir e mais precisamente com as feministas da terceira onda, o termo Gênero começou a ser utilizado como uma busca de estabelecer categorias analíticas que conseguiria provar que os fatores biológicos (sexo) não eram necessariamente ligados aos fatores construídos e impostos pela sociedade/cultura (gênero), sendo assim, as opressões dirigidas às mulheres não poderiam mais ser justificadas com desculpas pautadas no essencialismo.

Aida Rechená (2011), em sua tese de doutorado nos apresenta um percurso histórico-teórico sobre o conceito de Gênero, ela os distingue em quatro abordagens, que são elas: o gênero como construção social; como relação de oposição; relação de poder e relação de interseccionalidade.

Entender o Gênero como uma construção social foi a primeira abordagem que se utilizou, provinda das críticas de Simone de Beauvoir, como dito anteriormente, onde compreender o sexo como uma realidade permanente e imutável, seria o mesmo que dizer que as situações de opressão contra o sexo feminino também continuariam como permanentes e imutáveis. Na concepção de relação de oposição a autora apresenta que as características de gênero entre homens e mulheres são socialmente construídas numa linha de oposição, sendo

assim, ao se analisar a história de um “sexo” conseqüentemente deveria se analisar a história de um outro, pois, os mesmos estariam diretamente relacionados, entretanto, essa relação deveria ser analisada diante de um sistema de relações de poder que constituem feminilidade e masculinidade. Essa vertente surge dentro de um ideal marxista que contempla as relações de gênero dentro de conflitos sociais e materialistas.

A terceira concepção, vem da autora Joan Scott que entende essas relações de poder dentro de uma hierarquia. O trabalho de Joan Scott (1995) foi fundamental para o desenvolvimento da construção da categoria Gênero pois ela apresentou questionamentos que levaram o gênero a uma categoria analítica e fundamentada. O quarto fator é apresentado como o gênero numa relação de interseccionalidade, este é o ponto em que o gênero não é mais questionado apenas como relação entre feminino e masculino, mas se relaciona com outras situações de opressão e poder como a desigualdade social, raça e classe. Dessa forma, não se pode analisar as questões de gênero como uma categoria independente, mas, “numa interação com as categorias sociais, o território e o tempo” (RECHENA, 2011, p.48).

O uso da categoria Gênero não é aleatória, sua colocação gramatical auxilia em suas definições políticas e se caracteriza como uma expressão importante para o que se quer dizer, como dito por Joan Scott (1995) em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”:

Na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados (SCOTT, 1995, p.72).

Neste sentido, os “estudos sobre mulheres” passariam a compor um “estudo sobre gênero”, onde as produções a serem desenvolvidas, principalmente no âmbito da história e das ciências sociais, seriam analisadas não apenas com o enfoque no sexo biológico “feminino ou masculino”, mas uma leitura sobre “os sexos” e os simbolismos que cada um representa em variados períodos e sociedades, buscando um entendimento de como surgiam os padrões que delimitam as opressões em suas diferentes máscaras. Estes novos estudos não pretendiam construir somente “uma nova história de mulheres, mas também uma nova história” (SCOTT, 1995, p.73).

O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão e, em segundo lugar, uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos. (SCOTT, 1995, p.73)

Com estas novas práticas de se analisar os contextos históricos e conseqüentemente a ligação entre estes e o presente, as pesquisas históricas e feministas vão além de inserir uma história da mulher paralela a história oficial dos homens, estas análises categóricas pela perspectiva de gênero abrem espaço para se pensar a história e as concepções sociais por outras perspectivas e possibilidades de interpretações, abre o caminho para a escrita de uma história mais democrática, onde conseqüentemente promove uma realidade mais justa para todos que dela possam compartilhar.

Entretanto, Scott (1995) nos apresenta algumas problemáticas acerca dos estudos de gênero e como as pesquisas baseadas nesta categoria vem sendo constituídas. Para a autora, as produções realizadas pelos historiadores se distinguem em duas categorias distintas, uma categoria descritiva que apresenta a existência dos fenômenos sem interpretar as causalidades, e contrariamente, a segunda seria de ordem causal, buscando compreender como as realidades tomam as formas que têm.

Neste sentido, a autora aponta que a utilização do termo “gênero” nestes novos estudos, não atingiram de fato à proporção que poderia, entretanto, apenas substituíram o termo “mulheres”, o que acaba por fazer o processo ao contrário, retirando assim o caráter político da palavra MULHER e produzindo o mesmo tipo de estudo.

Enquanto o termo “história das mulheres” proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo “gênero” inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece assim não constituir uma forte ameaça. (SCOTT, 1995, p.75)

Outra perspectiva apontada por Scott é a de que além da substituição da categoria “mulher” para “gênero”, este conceito também foi utilizado para interligar a história das mulheres com a história dos homens, onde a história de um está diretamente interligada com a história do outro, sendo assim, rejeita a possibilidade da criação de esferas separadas, portanto, estudar a mulher como um objeto separado seria perpetuar a ideia de que um sexo não teria muito, ou nada, a ver com o outro. Sendo assim, a atribuição do gênero torna-se um indicador para “construções culturais”, uma relação inteiramente social que construía, portanto, os papéis sociais e identidades subjetivas adequados para as mulheres e para os homens, “Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. Todavia, mesmo que estas concepções sejam aceitas e entendidas, que a diferenciação social entre mulheres e homens seja uma construção e não algo que é imposto biologicamente, não se aplica questões sobre o porquê essas construções são criadas nem como funcionam ou poderiam se modificar.

Com isto, historiadoras/es que estavam cientes dessa problemática se atribuíram de novas teorias para justificar as falhas que surgiam, o que promoveu algumas linhas teóricas que se apropriavam do termo de variadas formas, entre elas temos uma abordagem que se detinha inteiramente em se respaldar pela origem do patriarcado, uma segunda, vinha de uma tradição marxista e a terceira fundamentada no pós-estruturalismo francês e anglo-saxônicas de relação do objeto.

As teóricas do patriarcado se embasavam principalmente na subordinação das mulheres e esta se explicava diante da necessidade do homem de dominar a mulher. Todavia, estas teorias não apresentavam pontos fundamentais entre as relações de desigualdades de gênero e outras desigualdades, portanto, a análise continuava a permanecer em abordagens imutáveis pautadas em diferenciais físicos e conseqüentemente biológicos. As feministas marxistas, todavia, se pautavam em uma abordagem mais histórica, entretanto, a exigência de que houvesse uma explicação “material” para o gênero atrapalhou o desenvolver das pesquisas e interpretações, em sua maioria, as teorias tendiam, ao contrário das teóricas do patriarcado, enfatizar mais o caráter social do que o sexual, entendendo-se o social como relações econômicas de produção. Já as teorias psicanalíticas se diferenciavam por escolas, entretanto, todas elas estavam pautadas na preocupação de como a identidade subjetiva é constituída, observando as primeiras etapas do processo de formação infantil e a partir daí reconhecer como se dá a formação da identidade de gênero. Entretanto, estas concepções ficam limitadas a esfera da família, o que a distância de outras esferas como sociais, econômicas e políticas.

Diante disto, SCOTT apresenta sua própria definição de gênero, onde ela apresenta que:

Minha definição de gênero, tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 86)

Além de conceber o gênero a partir dessas partes, a autora também subdivide em quatro elementos inter-relacionados, sendo: os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos; uma concepção política bem como uma referência às instituições sociais e a identidade subjetiva. Com isto, a autora nos apresenta que ao se discutir sobre gênero devemos levar em conta todos esses aspectos onde cada um possui sua especificidade, mas nenhum opera sem o outro, e dessa forma, pode-se pensar sobre gênero dentro das relações sociais e institucionais, o que, teoricamente, cobriria as falhas das outras linhas teóricas já apresentadas.

Com estas novas abordagens e os novos questionamentos que devem surgir a partir dessa nova concepção, pode-se apresentar novas perspectivas tanto para os problemas atuais, quanto para as questões ainda não respondidas, como também pode propiciar novas reflexões sobre as abordagens feministas onde o gênero deverá ser reconstruído com mais equidade não apenas entre sexo, mas também entre classe social e raça. Sendo assim, as relações de gênero inscritas dentro de um valor social e cultural, pautado por crenças e valores, são, portanto, manipuláveis, o que abre espaço para uma possível mudança, este ponto é fundamental, pois vai contra a ideia dos padrões sociais imutáveis, e, portanto, é possível que haja alterações nas formas em que a cultura e a sociedade impõe esses padrões.

Abrindo então nossos horizontes para as tantas questões que podem ser abordados dentro da categoria de Gênero, é que se encontram as interseccionalidades.

A desigualdade de gênero nas sociedades de classes resulta de uma tendência histórica da sociedade ocidental para naturalizar as desigualdades socioeconômicas que contrariam os valores da igualdade subjacentes à ordem social. Se por um lado asseguramos legal, política e ideologicamente a igualdade entre todos os elementos da sociedade, por outro, essa igualdade é contrariada na prática pela permanência de desigualdades entre homens e mulheres por serem consideradas <naturais>. (RECHENA, 2011, p. 63)

É portanto, nas interseccionalidades que as teorias feministas podem produzir e discutir ferramentas que perpassam as abordagens sexuais que se delimitavam entre uma dualidade entre mulher e homem, relacionando as desigualdades sociais é possível perceber a fundo onde se encontram as raízes dos problemas e combater-las em sua origem, o feminismo ganha uma estrutura que abandona as mulheres brancas de classe média e se alargar para outras realidades e outras direções, possibilitando que inclusive, outros tipos de identidades de gênero, também possam somar na luta em prol de um mundo menos desigual e conseqüentemente mais justo.

### **1.3. CATEGORIA MULHER**

Como percebemos até agora, o conceito de Gênero e sua inserção nas produções feministas foram, e vem sendo um grande aliado para um percurso menos doloroso e mais político na busca de igualdades sociais, entretanto, como já dito anteriormente, as construções de conceitos, utilizações e ferramentas para se alcançar uma sociedade mais justa, está sempre em (re) descobertas e em constante processo de atualizações e (re) definições, entre estes conceitos, encontramos a categoria “Mulher”.

Como analisado no conceito de Gênero, o uso da categoria Mulher tem sido um alvo de discussão, pois este pode remeter a conceitos biológicos que vão de encontro as concepções de construções sociais que automaticamente promovem as desigualdades de gênero. Todavia, pensar na identidade Mulher é caracterizar que, além de questões referentes a raça e classe social, todas as mulheres comungam de um mesmo tipo de opressão, essa definição se tornou importante entre as feministas da segunda onda, pois enfatizavam a importância do debate feminista e o descolava dos discursos de esquerda que contestavam outras formas de opressão.

Considerando que as mulheres eram oprimidas enquanto mulheres e que suas experiências eram prova de sua opressão, chegou-se à conclusão de que a opressão feminina devia ser mapeada no espaço em que as mulheres a viviam, isto é, nas suas vidas cotidianas, no lar, nas relações amorosas, no âmbito da família. A famosa proposição “o pessoal é político” foi implementada para mapear um sistema de dominação atuante no nível da relação mais íntima de cada homem com cada mulher. Esses relacionamentos eram considerados, sobretudo, políticos, na medida em que “político” é essencialmente definido como o que envolve uma relação de poder. (PISCITELLI, 2009, p.10)

Entre as feministas radicais, designar uma categoria Mulher era importante para promover ações políticas, e era entendido que, o que nos une enquanto Mulher, ultrapassaria nossas diferenças, portanto, pertenceríamos a uma mesma identidade base. Entretanto, esse conceito partia de um grupo constituídos por mulheres brancas e de classe média, e a concepção dessa base identitária perpassava pelas construções sociais e pelas concepções biológicas, onde, essencialmente se havia um corpo feminino, haveria, portanto, uma opressão patriarcal. Este conceito foi muito importante para o desenvolvimento de estudos e pesquisas que apresentavam as discussões sexistas em um patamar mais abrangente, e colocou em evidência a necessidade de se teorizar e questionar sobre a opressão e a dominação exercida pelos homens sobre as mulheres.

Com o alargamento de discussões sobre os conceitos de mulher e patriarcado, muitas críticas foram direcionadas a estas definições o que comungou na categoria de “Gênero” que buscava solucionar estas problemáticas relacionadas as categorias dos estudos sobre Mulheres, este conceito surgiu então, com o mesmo intuito de solucionar as causas da opressão para com as mulheres, sendo assim, as feministas que começaram a produzir suas ações e pesquisas a partir da concepção de Gênero, mantinham seu foco na situação da Mulher, entretanto, suas interpretações não se baseavam apenas aos estudos das Mulheres.

Todavia, atualmente as questões relativas a Gênero também vem ganhando novas tessituras, que estão constantemente em conflitos com os conceitos políticos feministas e teóricos. Adriana Piscitelli (2002), em seu artigo “Re-criando a (categoria) mulher? ”, apresenta

algumas autoras que atualmente traçam interpretações interdisciplinares sobre o conceito de Gênero, uma destas é a autora Judith Butler que tem na base da sua discussão o questionamento sobre os princípios epistemológicos diante a distinção de sexo e gênero, e os modos de operação binária, onde apresenta de maneira crítica a conceitualização de identidades fixas. Sendo assim:

Butler considera que o gênero não deveria ser pensado como simples inscrição cultural de significado sobre um sexo que é considerado como “dado”. Gênero deveria designar o aparelho de produção, o meio discursivo/cultural através do qual a natureza sexuada, ou o sexo “natural” são produzidos e estabelecidos como pré-discursivos” (PISCITELLI, 2002, p.15)

Neste caso, o Gênero passaria a ser uma construção, uma estilização repetida do corpo, onde não se dissocia de outros fatores políticos e culturais e, portanto, dentro de um patamar interseccional, é produzido, sustentando e construído enquanto um signo corporal, e sendo assim, não natural, por isto, não se constitui de forma coerente nos diferentes contextos históricos.

Esses debates abrem caminhos para estudos que vão além das diferenças entre mulheres e homens (mesmo que em contextos sociais diferenciados), considerando múltiplas configurações, novas possibilidades de identidades de gênero que fogem da dualidade fixa entre mulher e homem e conseqüentemente, do padrão heteronormativo. Entretanto, apesar da amplitude que esses novos olhares possam nos permitir, é importante prestar atenção em categorias políticas que se enquadram dentro do feminismo. Ao consideramos que as identidades e as reproduções corporais em sua realidade são construídas socialmente, de acordo com o contexto histórico no qual se está inserido, as concepções feministas perdem uma importante abordagem política, e com isto é necessário recriar a categoria “Mulher” e buscar uma junção entre o ativismo político com as abordagens teóricas.

Estas novas abordagens voltadas à análise da categoria de Gênero são apresentadas por Piscitelli como desconstrutivistas e, neste sentido, não comungam com as abordagens modernas do pensamento feminista, onde os novos ideais de Gênero conflitam diretamente com os parâmetros que direcionam o Feminismo em sua base.

Os questionamentos às perspectivas desconstrutivistas elaborados pelas feministas voltadas para o ativismo mostram que, entre elas, essas perspectivas ocupam um lugar no mínimo ambíguo, quando não abertamente negativo. Entre os argumentos com que essas perspectivas são atacadas, afirma-se que sua radical procura de desessencialização desestabiliza o “conceito/categoria” mulher (es), considerado como ponto de partida necessário para a teoria e política feministas” (PISCITELLI, 2002, p.18)

Sendo assim, além da perda política do conceito Mulheres, estas abordagens desconstrutivistas distanciam a realidade ativista da realidade teórica, onde, o conceito mulher

é construído no âmbito de uma sociedade que comunga de uma opressão de gênero, e consequentemente, as políticas são pautadas dentro da interação dessas mulheres subordinadas em suas realidades sociais. Sendo assim, renegar a categoria Mulher dificultaria ações diretas e positivas que pudessem de fato provocar ações modificadoras e libertadoras para as mulheres.

Desta forma, encontra-se um conflito teórico e prático, onde, nas novas concepções de Gênero, as diferenças são expressas demasiadamente, de maneira que se perde a conexão e, consequentemente, a oportunidade de uma luta em prol de um bem comum. As críticas a esses novos conceitos, não perpassam em unificar as mulheres enquanto uma identidade única e universal, mas, ao contrário, procuram reconhecer, diante suas diferenças e interseccionalidade, quais os pontos que possuem em comum e, a partir deles, formar estruturas colaborativas de luta, apoio e crescimento individual e coletivo. Para solucionar estes conflitos e, diante ao processo dinâmico do Feminismo, é que novas autoras buscam recriar a categoria “Mulher”, onde, fundadas em contribuições já realizadas acerca do estudo de Gênero, possam atribuir concepções que não se baseiem no essencialismo e em padrões sexuais biologicamente predominantes, mas que considerem a realidade social que as Mulheres vivenciam e que, por vezes, não estão sendo contempladas nos novos conceitos filosóficos apresentados.

Sendo assim, esta nova concepção de Mulheres, não foca necessariamente em definir o que vem a ser Mulher, mas em políticas de ações que possam prover o debate das semelhanças destas Mulheres que se constituem em contextos sociais específicos, e consequentemente ir além de prover ações de interesses “femininos”, mas questionar as estruturas em que a categoria Mulher é construída e subordinada, reaver os discursos, as práticas sociais, e as inter-relações que contribuem para que essa subordinação continue sendo perpetuada pela história.

#### **1.4. MUSEOLOGIA SOCIAL E MUSEOLOGIA DE GÊNERO**

Em entrevista para o programa Arte e Cultura, o museólogo e poeta Mario Chagas aponta que desde que o homem se entende por homem ele mantém relações diretas com a memória e consequentemente com o esquecimento, decorrente dessa necessidade de manter as memórias, cria uma relação direta com as coleções de objetos. Colecionar é uma atividade natural do ser humano, entretanto apenas na idade moderna, a partir do século XVIII, que se iniciam as grandes coleções públicas e os museus, esse fenômeno foi iniciado na Europa, e no seu espalhar pelo mundo também se teve como um fenômeno colonizador. Esse modelo eurocêntrico e etnocêntrico de museu, cita Chagas, dominou todo os séculos XIX e XX,

perpetuando-se até os dias atuais. Portanto, a vontade de memória não está diretamente ligada a criação e a execução da instituição museu.

Quando a entrevista é voltada para o processo histórico dos museus no Brasil, Chagas relata sobre o Museu Nacional (Rio de Janeiro) como um símbolo desse período histórico, entretanto, ressalva que se tratando de memória, preservação cultural e patrimônio deveríamos voltar aos estudos indígenas para descobrir estas origens. Os museus brasileiros do século XIX eram instituições criadas para fins elitistas, estes não se propunham a manter um diálogo com a sociedade.

Entretanto, somente o pós-guerra e em especial nos movimentos sociais que se originaram na década de 60 que produziam uma série de críticas perante a sociedade, críticas estas que se estendem para as construções artísticas, o ensino formal e conseqüentemente para a Museologia e os museus, que estes museus tidos como tradicionais irão ser repensados. Vistos como elefantes brancos ou dinossauros, esse caráter museológico voltado para o interesse de uma pequena parcela da sociedade não cabe mais na realidade atual, neste momento começa-se a perceber o que hoje reconhecemos como Museologia Social. Exemplos brasileiros de museus que surgiram com o foco em realizar uma função social realmente significativa para o ambiente do qual faz parte é o Museu do Índio e o Museu de Imagens do Inconsciente.

Chagas cita a Mesa redonda de Santiago do Chile como um dos principais eventos que favoreceram para o surgimento da Museologia Social, pois neste evento ficou claro que o museu deveria cumprir sua missão social e se tornar um órgão atuante na realidade daqueles que estão a sua volta.

No Brasil esses novos olhares para a Museologia irão chegar com mais força e eficiência no período pós ditadura militar e estão em processo de transformação e crescimento até os dias atuais. Mario Chagas, aponta como objetivos dos quais deveriam ser primordiais em todos os museus, incluindo aqueles que ainda se mantêm no tradicionalismo, a quebra dos preconceitos, seja este qual for; atuar contra as desigualdades sociais e a favor da dignidade social.

Portanto, com o surgimento desses novos ideais sociais e com o advento da Museologia Social, o museu que era focado em apreciação, edifício e em um público específico (em sua maioria elitista), passa por enormes expansões conceituais, revisando suas nomenclaturas, seus deveres e seus porquês. A Museologia Social chega ressignificando os museus, criando novos espaços, novas estruturas. O Museu deve ser do povo, para o povo e feito pelo povo. Uma ferramenta e não um projeto acabado, os museus são auxiliares em processos de empoderamento identitário, incentivos de práticas culturais e valorização do patrimônio local.

Um dos movimentos principais para a constituição desta nova Museologia, se aplica ao movimento denominado como MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, que promoveu um alcance internacional para esta nova proposta museológica e também abriu possibilidades para que fossem redigidos um número expressivos de documentos que fundassem a estrutura para uma nova Museologia onde os museus deveriam adquirir uma função social expressiva diante da comunidade em que estava inserido, se tornando um ator ativo e com o apoio do patrimônio cultural e de suas coleções, não apenas se manter como um espaço passivo de contemplação, mais um atuante direto nas construções sociais.

Todavia, este movimento foi idealizado durante o encontro de Quebec em 1984, que proveu um dos documentos mais importantes para a Museologia Social que é a Declaração de Quebec de 1984, este documento é também conhecido como documento fundador do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), diante deste que se apresenta para toda comunidade museológica o reconhecimento de um movimento que deveria propor um novo entendimento para a Museologia e novas tipologias de museus. Outros documentos importantes para a concepção da Museologia Social são: as Declarações de Santiago do Chile de 1972 e a Declaração de Caracas de 1992.

Estas declarações também se fazem relevantes pela ampliação que proporcionam para a Museologia, além de suas propostas ideológicas, também possibilitam uma Museologia para além dos muros das instituições museais e das coleções, em que favorecem sua atuação em ações e realizações coletivas, como os trabalhos em comunidades e as metodologias participativas.

A Sociomuseologia surge como a vertente da museologia que trabalha preferencialmente com as pessoas e com as ideias, com o objetivo de acompanhar e refletir sobre a mudança inerente à vivência humana. Mas nestes tempos de globalização ou mundialização de todas as vertentes das nossas vidas, a sociomuseologia pode trazer uma importante contribuição para que o ser humano ganhe consciência da sua individualidade e para a associação das identidades coletivas a um território, evitando a diluição numa massificação cultural. (RECHENA, 2011, p.124)

Percebendo então esta nova forma de fazer Museologia, nos deparamos com uma abordagem interdisciplinar entre a Museologia e outras áreas do conhecimento. O que acarreta na difusão de sua área de atuação e, conseqüentemente, na responsabilidade social para com a sociedade em que a mesma será atribuída.

Pela lógica humana, não há a possibilidade de decompor o ser que pensa e sabe que pensa em etapas, em partes, como se divide compartimentos em caixas isoladas, cada uma com um instrumento diferenciado para a mediação. E aqui, refiro como mediação não apenas o

processo da ação-educativa realizado nas atividades dos museus, mas em toda a cadeia operatória museológica, onde fragmentar seus campos, é minimizar a qualidade do conhecimento que possa ser construído e adquirido.

O próprio termo interdisciplinar sugere a existência de disciplinas em separado, autônomas, que se pretende inter-relacionar, estendendo fronteiras, sobrepondo contextos, explorando faixas intermediárias. Isso nos sugere que pensarmos a Museologia enquanto um campo interdisciplinar não reflete em uma área de atuação genérica, mas ao contrário, se compreende em prover um profissional capacitado para atuar em qualquer área da cadeia operatória museológica e além disso conseguir absorver junto a outros profissionais qualificados em suas especificidades, ações e reflexões que irão promover a melhoria do setor em que estão atuando, abrindo os leques e proporcionando novas fontes de pesquisas e ações.

Podemos dizer que a interdisciplinaridade nos demanda nuances, reflexões nos caminhos que serão trilhados, no planejamento adequado e no acompanhamento sistematizado em todo o processo. Essa interdisciplinaridade exige que o/a Museólogo/a vá além do mero trabalho corriqueiro, do banal, se dispondo a trilhar as interfaces, junto a outros profissionais, que possam trazer melhorias para o processo do qual está inserido.

Neste contexto, Aida Rechená (2011) traz a proposição de uma Museologia de Gênero, a autora aponta que para a discussão desta nova proposição interdisciplinar, é necessário observar as questões das desigualdades sociais e das construções das identidades de gênero, dentro de uma perspectiva sociomuseológica, que remete a preservação e valorização igualitária das memórias de homens e mulheres, junto as relações diretas com a memória, a identidade e o território.

A autora aponta que até a realização de sua pesquisa não havia encontrado teorias que de fato apontassem para uma Museologia com metodologias exclusivas para a categoria de Gênero, entretanto, a busca por esse caminho se respalda dentro do caráter interdisciplinar que a Museologia Social<sup>2</sup> proporciona, com isto, influenciada por outras áreas das Ciências Sociais que já levantam estudos significativos sobre os estudos de Gênero, se torna relevante, uma nova reavaliação no campo de conhecimento e produção da Museologia.

---

<sup>2</sup> Alguns autores, como por exemplo Atila Bezerra Tolentino, apontam uma distinção entre Museologia Social e Sociomuseologia, entendendo a Sociomuseologia como uma área disciplinar que levantaria apontamentos sobre as questões que envolvem a museologia social, mas também a atuação dos museus de uma forma geral, isto é, uma reflexão tanto para as “museologias indisciplinadas”, quanto para as “museologias colonizadoras e colonizadas”, enquanto a Museologia Social se enquadraria como área que descola o interesse do objeto para o sujeito produtor de referências culturais. Entretanto, neste trabalho abordaremos os termos enquanto sinônimos, como apresentados por Mario Chagas, reconhecendo estas enquanto uma Museologia libertadora que rompe com qualquer caráter conservador, burguês e capitalista.

É necessário que a Sociomuseologia se autonomize e adote ela própria o género como categoria analítica, relacionando-a com o património, a memória, a identidade, o território, cruzando-a com as outras categorias geradoras de desigualdades (raça/etnia, classe, idade) e os sistemas de poder, sistemas simbólicos e outros. (RECHENA, 2011, p.161)

Neste aspecto, analisar a Museologia pela categoria de Género implica não somente novas formas de se fazer ações museológicas, mas também, analisar as memórias que ainda são frequentes nas narrativas e coleções já existentes, memórias estas que perpetuam uma história predominantemente masculina e heteronormativa. Da mesma forma que nas novas reformulações no campo da história, é necessário a reavaliação destes conceitos, para que a abordagem da presença feminina não permaneça apenas como coadjuvante, pautada em representações de parentesco, atividades domésticas e companheira de um homem, é preciso acrescentar o carácter político para as representações femininas tanto dos trabalhos que já foram realizados, quanto nas novas pesquisas a serem desenvolvidas.

Desta maneira, é necessário repensar todas as aplicabilidades que a Museologia Social apresenta, por uma perspectiva de Género, passando pelas terminologias consideradas como neutras, até as preposições referentes aos territórios e comunidades. Neste princípio a autora apresenta um quadro que poderia ser utilizado para se entender a análise de Género, dentro da Museologia Social. Neste quadro ela apresenta as principais linhas de pesquisa que denominam o campo de estudo da Museologia social, sendo “Sujeito – Objeto – Espaço” e relaciona quais as metodologias poderiam ser adotadas e quais as consequências teóricas poderiam contribuir para uma análise de Género. Segue o quadro abaixo:

Elemento genderizado	Consequência metodológica	Consequência teórica/conceptual
Sujeito/Comunidade	Inclusão (das mulheres); Fuga ao neutro (masculino); Alteração do discurso/linguagem; Interdisciplinaridade com outras categorias; A interdisciplinaridade inclui os estudos das mulheres (women studies), os estudos de género e os estudos sobre os homens.	Transformação e ampliação do conhecimento; Alteração do conhecimento; Multiplicação das abordagens; A museologia como o estudo da relação das mulheres com os bens culturais; As expetativas e os problemas das mulheres da comunidade entendidos como preocupação do museu e da sociomuseologia
Objetos/bens culturais/Património	Reinterpretação das coleções patrimoniais constituídas; Necessidade de complementar as coleções constituídas maioritariamente de dominância masculina; Inclusão de recortes patrimoniais considerados marginais.	Alargamento das categorias patrimoniais; Seleção patrimonial inclusiva; Recolha participativa e desagregada por sexos.

Espaço/Cenário/Museu/ Território	Relação das mulheres com o espaço/território/museu; Tomar em consideração os espaços femininos (privados); Valorizar de igual forma os espaços públicos (masculinos) e os femininos e os espaços de trabalho afetos às mulheres	Distintas características das funções museológicas consoante ocorrem no museu, num espaço ou num território; Alteração do conceito de monumento (quase sempre associado aos homens e ao exercício do poder); Território como espaço constituído, suporte de memórias, sensações e experiências e resultado de vivências e identidades.
-------------------------------------	---	--

Quadro 1 - Consequências da genderização dos elementos definidores da Sociomuseologia. Fonte: RECHENA, 2011, p.166-167.<sup>3</sup>

Seguindo estas novas possibilidades, poderíamos então aderir a uma Museologia de Gênero que abriria caminhos para novas proposições políticas, levaria os museus e instituições museais a repensarem suas abordagens e a quem estão servindo. E pelos padrões de interseccionalidades, levando em consideração raça/etnia, classe, idade, sexualidade, nível de escolaridade, capital cultural, entre outros aspectos que denominam padrões de opressão nas variadas sociedades. Dessa forma, poderíamos ter uma Museologia provedora de memórias democráticas e empoderadoras.

### 1.5. AUSÊNCIA DE UMA MUSEOLOGIA FEMINISTA

Pensar uma Museologia de Gênero é reconstruir parâmetros de análise e de construção de ações que possam possibilitar de fato uma construção social que diminua os sistemas de opressão e garanta às parcelas menos favorecidas o direito a ter memória e de serem representadas nos espaços de poder. Desta forma, o campo de estudos museais se alarga, possibilitando novos recortes patrimoniais e amplia os processos investigativos para questões atuais e democráticas.

Sendo assim, pensar em análises de Gênero vai muito além que analisarmos puramente a dualidade do masculino e feminino, mas percorre todo um sistema complexo de relações que envolvem sexualidades, corporalidades e identidades, entre vários outros componentes que se apresentam, muito além de “mulher e homem”. São formas sociais e culturais que ultrapassam o sexo biológico e as orientações sexuais.

Desta forma, acredito que, assim como uma nova formulação da categoria Mulher, é necessário que ainda pensemos estas novas análises que a Museologia Social nos possibilita, de

<sup>3</sup> Original apresentado na Tese de Doutorado “SOCIOMUSEOLOGIA E GÊNERO: IMAGENS DA MULHER EM EXPOSIÇÕES DE MUSEUS PORTUGUESES” por: Aida Rechena, 2011.

um ponto de vista essencialmente feminista. Acredito que todos os pontos já apresentados e todos os estudos de gênero que a passos curtos vem ganhando espaço e provocando transformações nas problemáticas patrimoniais sejam de extrema importância e relevância para o campo da Museologia, entretanto, se faz necessário, por uma abordagem política, prover ações pontuais que ultrapassem o campo teórico, que estes pontos sejam muito bem delimitados, apesar de um não se separar diretamente do outro.

Neste sentido, apontamos que, enquanto ainda vivermos em uma sociedade que identifica como a relação mais básica de poder a relação entre homens e mulheres e que estas mulheres enquanto inferiores continuem sofrendo desigualdades e injustiças, são necessárias ações afirmativas que promovam essa equiparação dos sexos.

Dito isto, vale a pena questionarmos, portanto, o que a Museologia enquanto uma área que assume (ou deveria assumir) um compromisso com o social e com o desenvolvimento de ações ativas na sociedade em que está inserida, pode fazer para promover a equidade, de fato, entre os gêneros? Como a Museologia poderia se tornar uma ferramenta que possibilitaria meios de promover denúncias dos processos hierárquicos de poder e as relações de dominação entre homem e mulher?

Entendo, que, portanto, uma Museologia Feminista seria aquela que proporcionaria mecanismos que valorizassem a contribuição e participação da Mulher na sociedade e nos espaços de poder em que participa, realçando a produção artística, biográfica e cultural, bem como analisando os bens culturais e patrimoniais provindos de mulheres que surgem constantemente, como também os que já são frutos de pesquisas nas instituições de museus já existentes. E também ser uma ferramenta de luta na difusão de denúncias de violências e abusos sofridos diariamente por mulheres, como também um meio de conscientização dos direitos que cada mulher possui e quais os mecanismos que se pode recorrer em casos de violência (física, moral e psicológica).

Poucos são os estudos de Gênero que são efetivamente realizados dentro da Museologia, e ainda mais escassos são os estudos Feministas. Em sua maioria, os estudos de mulheres que se encontram nos acervos dos museus tradicionais são representações castradoras, machistas e dominadoras, onde a mulher é representada sempre como coadjuvante e nunca como protagonista da história. A mulher é reconhecida nos acervos de vestimentas, mobiliária, cozinha e relações de parentesco. Estes estudos, podem até representar uma diferenciação do gênero e enquadrar de alguma forma a mulher nos contextos de memória, mais estão longe de

promover um discurso feminista, político e emancipatório, ao contrário, perpetuam a narrativa de submissão e de desfavorecimento da representação feminina nos processos históricos.

No texto “Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história” a autora Irene Vaquinhas apresenta um levantamento quantitativo dos museus de mulher e de gênero, pela rede internacional Womeninmuseum: The Network of Women’s Museums. Ela apresenta quem em todo o continente são apresentadas apenas 71 instituições, sendo que 45,1% se apresenta no continente Europeu. O país que mais possui instituições é o EUA com 14 seguido pela Alemanha com 6, não existe nenhuma instituição no Brasil, e apenas 1 na Argentina.

O primeiro museu da mulher de que se tem conhecimento nasceu na cidade de Bona, na Alemanha, no ano de 1981, tendo resultado de uma ação de ocupação de um edifício levada a cabo por elementos do movimento feminista alemão, sendo considerado, na atualidade, um dos principais museus daquela cidade. [...] Já o único museu que se reivindica exclusivamente de história de gênero localiza-se na cidade ucraniana de Kharkiv, tendo sido inaugurado no ano de 2008: trata-se do Museu da História do Movimento Feminista e de Gênero” (VAQUINHAS, 2014, p. 6)

Entretanto, a maioria destas instituições que se apresentam dentro dos padrões de estudos de Gênero tem uma tipologia histórica, que busca incluir a história das mulheres em novas narrativas. As instituições que se colocam como atuantes no Feminismo e, conseqüentemente, na luta pelos direitos das mulheres são insuficientes, o que presume o título deste subitem e percebemos a ausência de uma Museologia Feminista.

Novamente, vale ressaltar que aqui não questionamos a necessidade de outras abordagens que possam promover uma democracia participativa e de igual direito para todas as minorias sociais, entretanto, cada interseccionalidade possui sua própria luta e suas próprias demandas, teoricamente podemos comungá-las todas em um campo de opressão e tratá-las em um mesmo balaio nos estudos de Gênero, mas, se não obtivermos ações pontuais para cada ponto, podemos cair no risco de homogeneizar os estudos e ao invés de propor ações diretas e transformadoras, produziremos mais do mesmo.

Desta forma, é que neste estudo, e também respeitando meu local de fala é que questionamos a ausência de uma Museologia que esteja pautada diretamente para ações políticas que possam promover a emancipação da mulher (cis ou trans), uma museologia que possa se atribuir de metodologias feministas e prover a união destas mulheres e conseqüentemente traze-las para um espaço que sempre deveria ter sido ocupado por elas.

É papel da Museologia oferecer as mulheres não apenas o direito a memória e a perpetuação de sua atuação nos processos históricos, mas, além disso, prover mecanismos que possam garantir ações efetivas na realidade atual destas mulheres, prover ações de libertação

econômica, social e cultural, enaltecer suas biografias e suas escritas de si. Somente, a partir de uma libertação feminina e da promoção do empoderamento de cada mulher é que poderemos pensar em estudos que olhe para todos enquanto humanos e não como objetos sexualizados.

Para questionar, portanto, estes espaços do qual a Museologia não vem se apropriando é que propus esta pesquisa, percebendo que em sua maioria, no âmbito brasileiro, as pesquisas sobre a Museologia são produzidas por mulheres, mas quais os percentuais destas produções levantam discussões feministas e se de fato comungo com minha hipótese de uma ausência dessa Museologia Feminista.

## **CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA UM MAPEAMENTO FEMINISTA DA PRODUÇÃO MUSEOLÓGICA BRASILEIRA**

Neste capítulo buscamos traçar os caminhos metodológicos que foram utilizados nesta pesquisa, a natureza da pesquisa e os instrumentos para a coleta de dados.

Em prol de buscarmos respostas que possam elucidar a hipótese deste trabalho de que atualmente no Brasil não existe, ou se existe, seria um número inexpressivo de estudos e práticas museológicas voltadas para as mulheres com o foco no movimento feminista, foi realizado um mapeamento bibliográfico nas produções museológicas brasileiras com um recorte temporal de 2004 a 2017, a escolha desse recorte se deu devido ao ano de 2004 ser o ano em que ocorreu a primeira publicação da Revista Musas, que aqui consideramos como um periódico de crucial importância para a produção Museológica brasileira, e 2017 o ano da realização deste trabalho, mesmo não abarcando todo o intervalo de 2017, uma vez que o mesmo ainda não terminou, mas, como houve trabalhos, entre eles dissertações e teses já disponíveis, achamos por bem adicioná-los à pesquisa. Não necessariamente todos os trabalhos irão apresentar publicações em todos os anos de nosso recorte temporal, como por exemplo o levantamento dos trabalhos monográficos que possui um recorte de 2008 a 2014, todavia, nenhum item será apresentado com ano inferior a 2004 e nem posterior a 2017.

Portanto, para este levantamento optamos por trabalhar com quatro linhas de produções de pesquisas, para que dessa maneira pudéssemos contemplar um número significativo de produções e conseqüentemente validar nossa pesquisa que pretende abarcar todo o território brasileiro e todas as etapas acadêmicas que possam gerar pesquisas significativas para o campo museológico. Desta forma, foram analisados os artigos publicados na Revista Musas, monografias dos cursos brasileiros de Museologia e as dissertações e teses que tivessem relevância para a área museológica. Sendo assim, acreditamos que contemplamos todas as formas de se publicar e fazer pesquisa no campo museológico brasileiro.

A pesquisa bibliográfica foi desencadeada em torno de 1085 trabalhos, partindo deste universo foi realizado o levantamento dentre o montante de quantos e quais discorriam estudos e práticas voltados para as mulheres com abordagens feministas.

A Revista Musas foi escolhida devido ao fato de ser uma revista com maior alcance para o público museológico e com todas as suas publicações disponíveis no site do IBRAM em formato .pdf o que facilita o seu acesso e conseqüentemente a difusão dos artigos reproduzidos por ela. A revista também proporciona uma variada gama de informações não se pautando por

áreas e/ou assuntos específicos, apesar de se ater apenas ao caráter museológico, e de certa maneira, decorrente do fácil acesso ao uso e de publicação, representar os estudos que estão sendo mais trabalhados no campo da Museologia brasileira. Para a análise da mesma, foram levantados todos os periódicos publicados até o momento, o que a colocou num recorte de tempo de 2004 a 2016 com 7 periódicos.

Para a análise das monografias, foi utilizado por base o trabalho monográfico “Caminhos de Pesquisa Museológica no Brasil – Temas e tendências nos Trabalhos de Conclusão de Curso (2008 – 2014) ” realizado por Marcos Francisco Alves (2016), neste trabalho ele faz um levantamento de todos os trabalhos de conclusão de curso, referentes a 13 cursos de Bacharelado em Museologia no Brasil com um recorte de tempo de 2008 a 2014.

Como apresentado no próprio trabalho, a salvaguarda e a difusão desses trabalhos monográficos é ineficiente, portanto, para o acesso a essas produções, pensando na obrigação de não deixar nenhum trabalho de fora, demandaria muito tempo e esforço, no trabalho aqui apresentado, iremos analisar apenas os TCCs já levantados pelo autor citado acima, consequentemente ficando dentro de sua linha temporal e não completando os anos subsequentes de 2014 até 2017.

Não houve trabalhos neste âmbito anterior a 2008, pois, como apresentado por Marcos Francisco Alves (2016), em sua pesquisa, apesar do curso de Museologia da UNIRIO já estar presente a vários anos, não caberia analisar todas as suas produções, pois ficaria muito amplo, e no segundo curso criado na UFBA ainda não eram produzidos especificamente trabalhos monográficos para a conclusão do curso, sendo assim, a delimitação do recorte se inicia no ano de conclusão da primeira turma de Museologia da UNIBAVE, sendo o terceiro curso de Museologia surgido no Brasil. Vale ressaltar que ao todo são 15 cursos de Bacharelado em Museologia no Brasil, entretanto, até a realização da pesquisa feita por Marcos Francisco Alves (2016), a UFMG e UNICASTELO, não havia turmas em estágio de construção de TCCs, pois os cursos de Museologias nestas instituições eram recém-criados.

Para as análises das dissertações e teses foi utilizado como ferramenta de pesquisa a plataforma de banco de dados da CAPES “Catalogo de Teses e Dissertações” que: “Como forma de oferecer acesso a informações consolidadas e que reflitam as atividades do sistema nacional de pós-graduação brasileiro, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que coloca à disposição da comunidade acadêmica o catálogo de Teses e

dissertações, na qual é possível consultar todos os trabalhos defendidos na pós-graduação brasileira stricto sensu, sendo postado ano a ano”<sup>4</sup>.

Para este levantamento optou-se por não delimitar os cursos de pós-graduações específicos da área da Museologia em virtude da sua abrangência inserida em outras áreas do conhecimento, sendo assim, com a probabilidade de surgir tema da área museológica presentes em outros programas de pós-graduação e pensando em abarcar um campo maior da pesquisa museológica, o levantamento destes dados foi realizado por meio da busca pelo termo “MUSEOLOGIA” no banco de dados já citado, e, todos os trabalhos que foram apresentados durante nosso recorte de 2004 a 2017 foram atribuídos a nossa pesquisa.

É importante ressaltar que para a análise dos trabalhos foram utilizados apenas o título das produções, autor e ano, devido ao fato de que uma leitura mais aprofundada de cada trabalho iria demandar muito tempo devido ao grande número de produções levantadas, e de toda forma, não é o objetivo deste trabalho avaliar o que vêm sendo produzido pela Museologia brasileira, mas levantar quantos trabalhos falam especificamente sobre feminismo, por isto, a análise dos títulos já nos proporciona os dados necessários para a pesquisa que aqui nos propusemos a realizar.

Por fim, com a delimitação temporal específica e os periódicos a serem analisados já definidos, foi construído uma tabela que teve como objetivo organizar os dados de forma que pudéssemos ter uma noção quantitativa de quantas mulheres vêm produzindo pesquisas museologias e também quantos homens. Foram levados em consideração os temas GÊNERO – FEMINISMO – SEXUALIDADE. Desta forma, a partir do título do trabalho, foi definido quantos abordavam estes temas e qual era a porcentagem de mulheres pesquisadoras. Para uma melhor compreensão dos dados as produções foram organizadas por data de publicação, por níveis de ensino tais como: artigos, TCCs, dissertações e teses, todas as produções foram selecionadas de acordo com a autora/autor e por instituições.

Em números gerais foram analisadas 7 edições da Revista Musas com um total de 71 artigos; 13 cursos de Bacharelado em Museologia com o total de 661 produções monográficas; 283 dissertações distribuídas em um total de 41 instituições que ofereceram mestrado com alguma relação com a Museologia e por fim 70 teses de doutorado distribuído em 16 instituições.

Deste feito, a pesquisa bibliográfica trará uma abrangência de trabalhos que ora buscamos analisar e selecionar, os trabalhos que abordaram o tema: GÊNERO – FEMINISMO

---

<sup>4</sup> [http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02\\_bt\\_sobre](http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02_bt_sobre)

– SEXUALIDADE, para uma maior reflexão e análise de dados de acordo com a corroboração das teorias citadas. Este aprofundamento nos trabalhos que tiveram como foco as categorias citadas.

## 2.1. PROCESSO DE LEVANTAMENTO DOS DADOS

Os quadros abaixo trazem o levantamento geral realizado neste trabalho, ou seja, todos os 1085 trabalhos levantados estão especificados de acordo com o seu grau de escolaridade, autoria e de quantos destes abordam o tema: GÊNERO – FEMINISMO – SEXUALIDADE, com exceção do quadro 02, as instituições também fez parte da catalogação.

REVISTA MUSAS					
PRODUÇÕES	AUTORIA		TEMÁTICAS		
	MULHERES	HOMEM	GÊNERO	FEMINISMO	SEXUALIDADE
71	58	36	1	0	0

Quadro 2 - Revista Musas

MONOGRAFIAS						
UNIVERSIDADE	PRODUÇÕES	AUTORIA		TEMÁTICAS		
		MULHERES	HOMEM	GÊNERO	FEMINISMO	SEXUALIDADE
UFRGS	44	34	10	0	0	0
UFPel	54	40	14	1	0	0
UFSC	7	4	3	0	1	0
UNIBAVE	30	21	9	0	0	0
UNIRIO	260	214	46	0	0	0
UFOP	54	41	13	1	0	0
UnB	28	20	8	0	0	0
UFG	7	6	1	0	0	1

UFPA	32	24	8	0	0	0
UFPE	20	14	6	0	0	0
UFS	34	25	9	0	0	0
UFRB	89	66	23	1	0	0
UFBA	2	2	0	0	0	0

Quadro 3 - Trabalhos Monográficos

DISSERTAÇÕES – MESTRADO						
UNIVERSIDADE	PRODUÇÕES	AUTORIA		TEMÁTICAS		
		MULHERES	HOMEM	GÊNERO	FEMINISMO	SEXUALIDADE
UNIRIO	121	89	32	0	0	0
USP	57	41	16	0	0	0
UFMG	12	9	3	0	0	0
UFRJ	4	2	2	0	0	0
UNICAPM	3	1	2	0	0	0
FGV - RJ	1	1	0	0	0	0
PUC – Campinas	1	1	0	0	0	0
UnB	3	2	1	0	0	0
UNESP	4	3	1	0	0	0
UFBA	17	13	4	1	1	0
UFC	2	2	0	0	0	0
UFRGS	8	8	0	0	0	0
UFF	2	1	1	0	0	0
UFPA	3	3	0	0	0	0

UFPB	4	2	2	0	0	0
UFAL	1		1	0	0	0
UFJF	2	1	1	0	0	0
UFPEl	6	5	1	0	0	0
UFPE	4	4	0	0	0	0
UFSM	1	1	0	0	0	0
UFSCAR	1	1	0	0	0	0
UFRN	1	1	0	0	0	0
UFRPE	1	1	0	0	0	0
UFRRJ	1	1	0	0	0	0
UNAMA	1	1	0	0	0	0
UNILIVE	2	1	1	0	0	0
UNEB	1	1	0	0	0	0
UEMG	1	1	0	0	0	0
UDESC	2	2	0	0	0	0
UERJ	1	1	0	0	1	0
UEL	1	0	1	0	0	0
UEPG	1	1	0	0	0	0
UECE	1	0	1	0	0	0
ULBRA	2	2	0	0	0	0
UNIMARCO	1	1	0	0	0	0
UTP	2	1	1	0	0	0
UCB	1	1	0	0	0	0
FIOCRUZ	1	1	0	0	0	0

FUFSE	3	3	0	0	0	0
FUPF	2	1	1	0	0	0

Quadro 4 - Dissertações (Mestrado)

TESE – DOUTORADO						
		AUTORIA		TEMÁTICAS		
UNIVERSIDADE	PRODUÇÕES	MULHERES	HOMEM	GÊNERO	FEMINISMO	SEXUALIDADE
UNIRIO	20	17	3	0	0	1
USP	14	10	4	0	0	0
UFMG	6	3	3	0	0	0
UFRJ	2	0	2	0	0	0
UNICAPM	4	4	0	0	0	0
FGV - RJ	1	1	0	0	0	0
FVV - SP	1	1	0	0	0	0
PUC - RJ	1	1	0	0	0	0
PUC - SP	3	3	0	0	0	0
UnB	3	2	1	0	0	0
UNESP	5	2	3	0	0	0
UFBA	1	1	0	0	0	0
UFSC	1	1	0	0	0	0
UFU	1	1	0	0	0	0
UFC	1	1	0	0	0	0
UFPR	1	0	1	0	0	0
UFRGS	3	0	3	0	0	0

UFF	2	2	0	0	0	0
-----	---	---	---	---	---	---

Quadro 5 - Tese (Doutorado)

### 2.1.1. REVISTA MUSAS

Foi possível perceber que no intervalo deste trabalho, delimitado entre os anos de 2004 a 2017, a Revista Musas publicou 71 trabalhos referente aos múltiplos temas abrangentes da Museologia, sendo que tivemos um total de 58 trabalhos escritos por mulheres e 36 escritos por homens, entretanto não houve trabalhos referentes ao tema foco deste trabalho de TCC que é FEMINISMO, apenas um artigo de GÊNERO apareceu no universo de artigos da Revista Musas no intervalo de 2004 a 2017.

O artigo em questão se intitula como “Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais”, escrito por Maria Margaret Lopes e foi publicado no ano de 2016.

Segue abaixo o resumo do artigo:

“A participação das mulheres e as relações de gênero como temas de reflexão dos estudos museológicos não são ainda uma tradição no Brasil. Neste artigo, como parte de uma pesquisa mais ampla, foram recuperados aspectos da trajetória da conhecida feminista – e desconhecida museóloga – Bertha Maria Júlia Lutz (1894 – 1976). Comentando aspectos de seu relatório de viagens aos museus dos Estados Unidos em 1932, chamando “O papel educativo dos museus americanos”, foram destacados seus pontos de vista sobre o papel dos museus à época, suas menções aos estudos emergentes sobre público e, particularmente, suas observações em relação à atuação das mulheres nesses espaços de cultura científica.

Palavras-chave: Bertha Lutz. Atuação feminina em museus; museus escolares; estudos de público em museus. ” (REVISTA MUSAS, VOLUME 2, 2006, P.41)

Percebemos que este artigo comunga com os levantamentos apontados no subitem anterior, a autora, levanta em seu título a categoria “Gênero” e apesar de seu trabalho propor

uma pesquisa sobre a trajetória de uma mulher feminista, o mesmo se apresenta enquanto uma apresentação histórica, na tentativa de apresentar uma mulher que foi importante para as narrativas museológicas.

### 2.1.2. PRODUÇÕES MONOGRÁFICAS

O Quadro 03 nos traz um amplo levantamento de monografias realizadas no intervalo deste trabalho, onde tivemos um total de 661 trabalhos realizados, um quantitativo significativos de monografias, 60,92% do total de trabalhos levantados neste TCC. Destes 661, tivemos 511 trabalhos escritos por mulheres e 150 escritos por homens e dentre estes 661 tivemos 0,98% de produções que abordaram o tema GÊNERO – FEMINISMO – SEXUALIDADE, ou seja, um total de 5 trabalhos que estão distribuídos entre 03 trabalhos que abordaram o tema GÊNERO, 01 que trouxe à tona o tema FEMINISMO e 01 que produziu seu texto focando na SEXUALIDADE. As três produções que abordaram o tema GÊNERO vieram das seguintes universidades: UFPel; UFOP e UFRB, já o trabalho que abordou FEMINISMO veio da UFSC e o que abordou sobre SEXUALIDADE foi da UFG.

O primeiro trabalho monográfico levantado sobre o tema de Gênero foi “Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição "Entre rendas, chapéus e boas maneiras", Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2009” redigido por Andréia da Fonseca Rodrigues e apresentado no ano de 2010. Ela apresenta em seu resumo:

“Os museus como partes integrantes da sociedade, devem estar ligados às suas problemáticas e questões contemporâneas. Baseado nos principais documentos estudados na Museologia, como a Carta de Santiago do Chile de 1972, o caráter integrador permite que o museu possa servir de suporte para a sociedade e não somente entretenimento e lazer. Objetivando buscar ainda mais integração entre as instituições museológicas e seu público, propomos que o espaço expositivo dos museus também abrigue as discussões de gênero. Esta monografia tem por objetivo propor a discussão de gênero no espaço do museu, tomando a instituição como um lugar de representação social. Escolhemos o Museu Municipal Parque da Baronesa como local de estudos da representação de gênero nos museus, devido sua notoriedade

e por dispor recentemente de um projeto expositivo adequado para o trabalho. Analisando a exposição temporária “Entre rendas, chapéus e boas maneiras”, contendo a temática feminina, estabelecemos uma comparação entre a imagem transmitida e a historiografia feminina atual. Com o fito de verificar as manifestações da imagem do feminino entre as últimas décadas do século XIX e primeiros anos do século XX, refletiremos sobre o olhar, os modos de vestir da mulher e como sua representação exposta foi interpretada pelo público visitante.

Palavras-chave: gênero, historiografia, mulheres, museu, exposição. ”

O segundo trabalho foi “ Gênero e Ciência no Museu da Pharmácia: a trajetória de Maria Vasconcellos e a construção de uma memória diluída” Redigido por Thayane Sampaio Martins no ano de 2012 pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o trabalho não se encontra disponível na internet.

O terceiro trabalho com conteúdo referente a Gênero foi: “As representações de Gênero no Instituto Feminino da Bahia”. Redigido por Anna Luísa Santos de Oliveira no ano de 2014 pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), o trabalho também não se encontra disponível na internet.

Nos três trabalhos de gênero apresentados, percebemos novamente a característica de uma permanência de apresentação do feminino. São historiografias de mulheres apresentadas enquanto um conceito de “Gênero”. Nestas apresentações podemos notar ainda a fragilidade de se distinguir “estudos de mulheres” para “estudos de gênero” e para além, como propomos neste trabalho, ações de fato feministas e provedoras de ações políticas e transformadoras.

Relevante ao tema FEMINISMO, foi encontrado o trabalho de Julia Moura Goudinho no ano de 2014, pela UFSC, com o título: “Mulheres artistas em revolução: Museologia, Feminismo e Arte”. Segue abaixo o resumo do TCC.

“Este estudo, inserido em um quadro de pesquisas desenvolvido no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, da Universidade Federal de Santa Catarina, analisa as intersecções entre o movimento feminista na arte e o pensamento contemporâneo em Museologia através da ótica de gênero. Tanto o movimento feminista na arte – surgido nos meados da década de 1960, com a chamada segunda onda

do feminismo –, quanto os princípios base da Museologia Social e da Nova Museologia – elaborados durante a Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 1972, e da Declaração de Quebec em 1984, respectivamente –, estão inseridos no pano de fundo dos movimentos pelos direitos civis das/os negras/os nos Estados Unidos, dos movimentos anti-guerra, o Movimento Homossexual e a resistência aos regimes ditatoriais na América Latina. Contexto este marcado por uma nova ordem geopolítica com profundas desigualdades sociais, políticas, culturais e econômicas acirradas pela regionalização do espaço geográfico mundial durante o período da Guerra Fria (1945 – 1991). Esta localização espaço-temporal nos permite pensar sobre a forma na qual a produção contemporânea feminista tem sido incorporada, ou não, nas instâncias de transmissão de conhecimento e formação da ciência museológica e seus espaços de atuação, instrumentalizando o surgimento de novos atores sociais, instituições culturais e novos paradigmas teórico-práticos dentro do contexto global.

Palavras-chave: Museologia. Gênero. Feminismo. Arte “

Trata-se do único trabalho monográfico que foi apresentado em nossa pesquisa que de fato aborda o Feminismo e foge do paradigma de representação histórica de uma personagem feminina. Neste trabalho bastante significativo para a proposta de uma Museologia Feminista, Goudinho levanta considerações importantes sobre a importância da ocupação de mulheres em espaços de poder e da necessidade de ações diretas que possam promover não apenas uma justiça histórica, mas prover ações diretas e atuais.

Sobre o tema de sexualidade foi levantado o trabalho apresentado pela UFG no ano de 2014, com o título: “Memória LGBT: mapeamento e musealização em Revista” escrito por Tony Willian Boita. Segue o resumo do trabalho:

“O presente estudo possui como propósito uma abordagem interdisciplinar para a reflexão de novas metodologias para um possível mapeamento afirmativo, visando a promoção do direito à memória da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais). Busca-se também discutir o processo de musealização

frente a novas demandas contemporâneas e perceber como os museus e a Museologia atuam em relação a estas memórias. Para o desenvolvimento deste trabalho, a análise concentrou-se no periódico digital Revista Memória LGBT, importante ferramenta de promoção e disseminação da memória desta comunidade. Para tal, objetiva-se verificar os limites e possibilidades de contribuição da Revista como meio para mapear o estado da arte da memória LGBT e como ela equaciona suas lacunas.”

O trabalho apresentado por Boita também se apresenta enquanto uma ação afirmativa direta que promove ações museológicas que possam contribuir diretamente para a realidade da comunidade LGBT, e apesar do seu trabalho também ser um grande potencializador para feminismos (lésbicas, bissexuais e mulheres trans) ele se caracteriza enquanto um estudo que propicia políticas diretas para a comunidade LGBT, e não para o Feminismo propriamente dito.

Também é importante ressaltar que entre os poucos trabalhos que levantaram as abordagens aqui questionadas apenas 1 foi escrito por homem, o que também apresenta a desvalorização deste tema pelo profissional masculino.

### **2.1.3. DISSERTAÇÃO – MESTRADO**

Neste tópico que é apresentado pelo Quadro 04 tivemos um total de 283 dissertações distribuídas em um total de 41 instituições de programas de pós-graduações que ofereceram mestrado correlacionado com algum aspecto da Museologia, entre estes tivemos 211 dissertações escritas por mulheres e 72 produzidas por homens. Foram identificados apenas 3 trabalhos que correspondiam com os temas levantados. A UFBA trouxe dois trabalhos, um que abordou o tema GÊNERO e outro que abordou o tema FEMINISMO e a instituição UERJ, que teve um trabalho publicado sobre FEMINISMO. Tivemos 1,06% de pesquisadores que abordaram o tema em discussão.

O primeiro trabalho levantado foi, “Memória e Gênero: atuação feminina na conservação e restauração na Bahia” produzido por: Renato Carvalho da Silva no ano de 2015 na faculdade UFBA, o trabalho consta em seu resumo:

“Essa dissertação foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, em consonância com a linha 2 – Patrimônio e Comunicação, em conjunto com a disciplina Gênero e Patrimônio. Se inscreve pela necessidade de pesquisas e análise acerca da trajetória da conservação e da restauração de acervos em suporte de papel no Brasil e, mais especificamente na Bahia, repensando a forma de como se deu esse processo no âmbito Baiano, com um olhar para as questões de gênero, contribuir para a preservação da memória é, portanto, um dos objetivos deste estudo, para tanto, foram realizadas visitas técnicas aos laboratórios do Arquivo Público da Bahia e ao (LEV) - Laboratório de Conservação Reitor Eugênio Veiga Andrade. Assim, este estudo analisou a preservação e conservação documental como uma “construção cultural”, procurando identificar os modos como a preservação da memória foi construída, evidenciando a atuação, sobretudo das mulheres no processo de conservação e restauro dos acervos históricos em suporte de papel, bem como no processo de implantação e de desenvolvimento das atividades dos laboratórios de restauro na Bahia. A natureza da pesquisa é qualitativa, quanto ao objetivo trata-se de uma pesquisa analítica descritiva. Acreditamos que esta pesquisa contribuirá para estudos futuros e para um novo pensar sobre a memória, a história, a conservação, preservação e restauração de documentos.

Palavras-Chave: Patrimônio. Gênero. Conservação. Restauração. ”

Este trabalho apresenta uma análise que foi levantada pela autora Aida Rechená, enquanto a necessidade de se reavaliar as produções já executadas na Museologia dentro de uma perspectiva de Gênero, e é exatamente esta a proposta que foi executada na tese apresentada acima.

O Segundo trabalho, também provindo da UFBA se enquadra na categoria FEMINISMO, também apresentado no ano de 2015 por Joana Angélica Flores Silva, o trabalho se intitula “A Representação das Mulheres Negras nos Museus de Salvador: Uma Análise em Branco e Preto”

“Essa dissertação foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, na linha 2 – Patrimônio e Comunicação e discute a representação das mulheres negras nos Museus de natureza histórica em Salvador, utilizando-se como recorte para o desenvolvimento do estudo, a exposição museológica de longa duração do Museu do Traje e do Têxtil do Instituto Feminino da Bahia, que traz como tema, o universo feminino no contexto da moda do século XIX. O estudo problematiza a participação dos museus como espaços de representação e poder, analisando até que ponto as narrativas construídas a partir da exposição, demarcam e legitimam a imagem estigmatizada da mulher negra na sociedade contemporânea. A partir das discussões trazidas pela Museologia nos últimos quarenta anos, a análise recai sobre a leitura apresentada por esses museus em suas exposições do ponto de vista da forma, do lugar e do conteúdo, ao levar em consideração a disposição das peças atribuídas ou que fazem referência às mulheres brancas e negras. A interpretação suscitada no tratamento expográfico assim como na historiografia oficial confere às primeiras o papel de protagonistas sociais. Enquanto que os suportes de informação alocam as negras como personagens coadjuvantes, o que corroboram para a construção do imaginário coletivo que ratificam a essas, a condição de subalternidade atrelada à desvalorização da sua imagem na sociedade atual. Assim, para a compreensão do processo de eleição e de preservação do patrimônio cultural no país, utilizou-se de vieses dos estudos em gênero, identidade cultural e raça bem como da literatura que trata da “Formação de Discursos e Poder simbólico”. De caráter qualitativo, a pesquisa foi realizada em sete instituições museológicas da Cidade e tem como metodologia de abordagem o método analítico, construído a partir do levantamento de fontes primárias e pesquisa in loco para o delineamento da investigação no âmbito dos Museus. Logo, a pesquisa contribui para uma reflexão sobre o papel dos museus frente ao fortalecimento das ações afirmativas e do combate à discriminação racial e de gênero no país.

Palavras-Chave: Mulheres Negras. Gênero. Raça. Representação em Museus. ”

Este trabalho é um exemplo importante para o que aqui consideramos enquanto uma Museologia Feminista, um trabalho pautado na crítica das representações femininas dentro dos espaços de poder (museu) e questionando ao mesmo tempo as relações de raça e territorialidade.

O próximo trabalho levantado, também abordar o tema Feminismo e foi escrito por Ana Carolina De Azevedo Guedes, no ano de 2014 pela UERJ, o trabalho de dissertação tem o título: “Sophia Jobim: trajetória e individualidade. Uma experiência singular do feminismo brasileiro”.

“Nesta dissertação abordaremos a indumentarista, professora e feminista Sophia Jobim Magno de Carvalho (1904 – 1968). Sophia Jobim nascida Maria Sofia Pinheiro Machado Jobim, em Avaré em 19 de Setembro de 1904. Fundou em 1947, a primeira sede do Clube Soroptimista no Brasil, em sua casa com Bertha Lutz, ocupando o cargo de presidente durante quatro anos. Em 1949, ocupa o cargo de regente da disciplina de Indumentária e Arte Decorativa na Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA). Através desse cargo, Sophia viajava para colecionar peças de diferentes países e apresentá-los nas suas aulas, além de fundar o primeiro museu de indumentária da América Latina, em sua casa, em Santa Teresa – RJ, em 1960. Após sua morte por embolia pulmonar, em 1968, seu acervo é totalmente doado ao Museu Histórico Nacional, instituição na qual se graduou no Curso de Museologia, em 1963. Com este trabalho pretendemos trazer à tona uma parcela do material doado por Sophia e evidenciando suas ações como feminista, trazendo para o trabalho a discussão em torno do indivíduo utilizando como teóricos Georg Simmel e Gilberto Velho. A formação da ENBA, e a cooptação dos intelectuais no Estado Novo são temas a serem mobilizados durante o trabalho, além da sociabilidade como forma de análise do período e do campo por onde Sophia caminhou. Através deste trabalho buscamos proporcionar uma breve

visão sobre Sophia Jobim e contribuir aos estudos sobre o feminismo e a individualidade.

Palavras-Chave: Sophia Jobim. Individualidade. Feminismo. Sociabilidade. Estado Novo.”

Este trabalho também busca retomar a biografia de mulheres que foram importantes para as narrativas de memória e que por algum motivo foram excluídas, entretanto, além de retratar essa memória também se apresenta o interesse de contribuir com os estudos Feministas.

Entre as dissertações apresentadas também obtivemos a sua maioria escrita por mulheres e apenas 1 homem que se enquadrou no conceito de Gênero, o que comunga com a análise realizada nas monografias.

#### **2.1.4. TESES – DOUTORADO**

O Quadro 05 nos traz pormenorizadas as investigações realizadas por mulheres e homens em um total de 70 trabalhos que focaram de alguma forma conceitos da Museologia, e entre estes uma pequena porcentagem de investigadores trouxeram os temas: GÊNERO – FEMINISMO – SEXUALIDADE, assuntos estes que são pauta marcante deste TCC, aqui temos o objetivo de traçar um perfil de pesquisadores que investigaram os temas citados, assim entre estes, 50 são mulheres e 20 homens. Das 70 teses que aqui analisamos apenas uma tese aborda o tema SEXUALIDADE, a pesquisadora veio da UNIRIO. Com o trabalho intitulado “O Corpo Mestiço em Marabá como Patrimônio Musealizado: sexualidade, interculturalidade e educação”, foi produzido por: Margarete Zacarias Tostes de Almeida, no ano de 2015.

“A Tese faz uma análise crítico-interpretativa da obra musealizada “Marabá”, de Rodolpho Amoedo, com foco na compreensão do modo como o corpo feminino sexualizado acrescentou representações simbólicas no imaginário brasileiro sócio-cultural do século XIX, com suas projeções em temas contemporâneos. Teve como objetivo analisar criticamente a obra Marabá, de Rodolpho Amoedo, a partir da leitura do corpo feminino sexualizado como território de representações simbólicas do imaginário sociocultural brasileiro do século XIX, a fim de compreender de que modo as relações entre educação, sexualidade e

interculturalidade se projetam sobre os sujeitos contemporâneos. A pesquisa de campo possibilitou a aplicabilidade teóricometodológica na área da Educação, permitindo introduzir conhecimentos da Museologia no cenário educacional. A pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter descritivo-analítico, um “Estudo de Caso”. Utilizou-se a técnica do “Grupo Focal” durante a pesquisa e para análise dos dados a concepção semiótica de Charles Sanders Peirce. A pesquisa seguiu ancorada no arcabouço teórico de Zbinek Stránský, Tereza Scheiner, Maria Amélia Reis, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, entre outros. Ficou constatado que Rodolpho Amoedo atribuiu à mestiçagem relevância no processo de construção da identidade nacional, a partir do registro do corpo mestiço; porém, quando se direciona o foco para as representações simbólicas dos contextos sócio-históricos do Brasil oitocentista, verificou-se que diversas inquietações, como lutas de classe, preconceito racial, embranquecimento da pele, esteriotipação de beleza e, principalmente a massificação imposta pelo poder hegemônico, ainda perduram e se manifestam nas criações artísticas da atualidade. Conclui-se que sobre o corpo oitocentista imperava a ordem da repressão em torno da sexualidade, como forma de controle e manutenção dos interesses das ideologias dominantes, por isso mesmo um corpo proibido, contrapondo-se à ordem contemporânea de exibir o corpo, através de um discurso do “livre” ou do “tudo pode”, não como locus de pertencimento, mas como lugar simbólico que, embora se valha de outros índices, continua sob a égide do discurso da ordem: controle e manutenção dos interesses das ideologias dominantes.

Palavras-Chave: Museologia. Patrimônio. Museu. Sexualidade. Educação Intercultural”

O único trabalho de Doutorado brasileiro que foi levantado aborda em sua concepção o termo sexualidade, e como todos os pontos que descrevemos até agora, nenhuma relação de opressão social caminha sozinha, neste sentido o trabalho também apresenta as variantes do feminino e das questões de “cor”. Entretanto, apesar de se levantar questões pertinentes ao feminismo, o trabalho apresenta uma abordagem que não comunga com a busca de uma

Museologia Feminista, apesar de apresentar as simbologias que perpassam pelo sistema de opressão feminina, tem como foco: “compreender de que modo as relações entre educação, sexualidade e interculturalidade se projetam sobre os sujeitos contemporâneos.” Um trabalho pertinente e significativo que também possui uma relevância política e contribuições para as abordagens de Gênero.

### 2.1.5. DADOS GERAIS

Além das análises já apresentadas, alguns dados são importantes de colocarmos em evidência. Entre os pontos principais desta pesquisa, reconhecíamos a necessidade de realizar um levantamento quantitativo das produções museológicas brasileiras e entre elas quais eram os percentuais de pesquisadoras Mulheres e Homens. Com o gráfico apresentado abaixo podemos afirmar que o número de mulheres perpassa de forma significativa as escritas masculinas em todas as produções que foram analisadas.

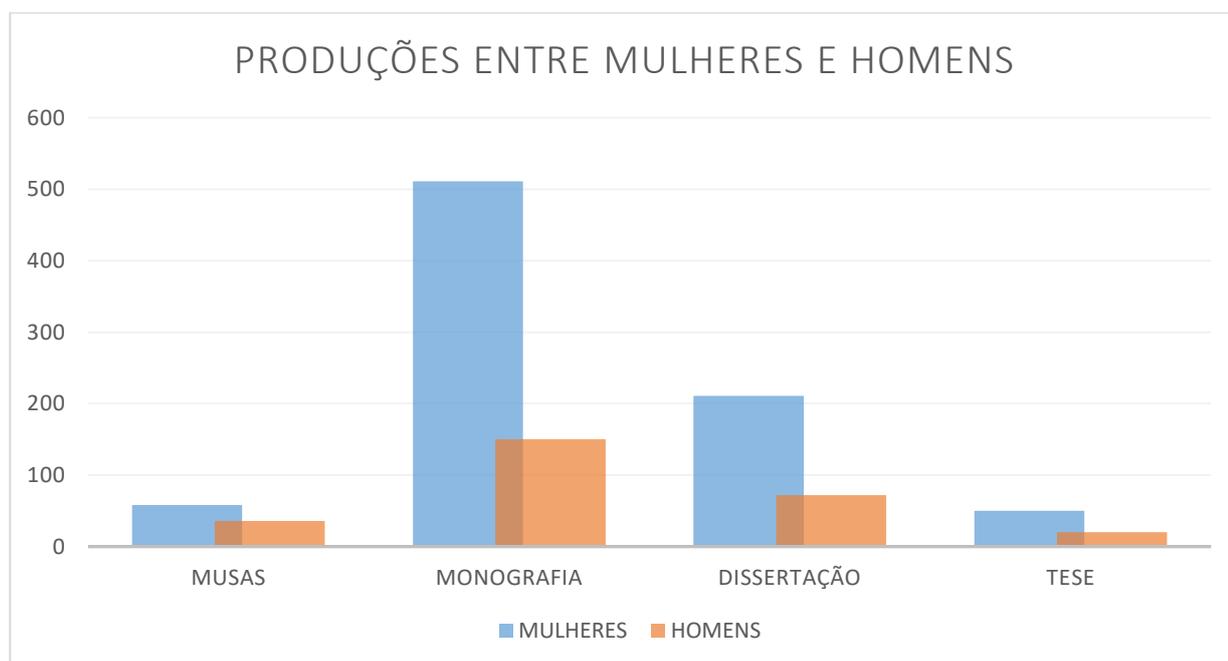


Gráfico 1 - Produções entre mulheres e homens

Obtivemos um total de 830 pesquisadoras mulheres e 278 homens, vale lembrar que este número não corresponde necessariamente com o total de trabalhos analisados, devido ao fato de que os artigos constados na Revista Musas, por muitas vezes obtinham vários autores e algumas vezes eram contemplados mulheres e homens em um mesmo artigo.

Todavia, esse é um número muito expressivo que comprova que as Mulheres são, ou pelo menos estão, muito mais presentes na realidade museal do que os homens, e que, apesar de ser um fator que poderia ser considerado como uma vitória, também nos apresentam discussões que podem (e devem) ser levantadas. Um dos pontos que acredito ser relevante nesta análise é da aproximação do campo dos museus com as áreas educativas, na história dos museus, percebemos que enquanto os homens se mantinham como pesquisadores, antropólogos e historiadores, as mulheres trabalhavam especificamente nas instituições e participavam mais efetivamente das ações educativas, e como nas áreas da educação formal, esta era uma área que era “permitida” as mulheres. Neste segmento, percebemos, que por ser uma área considerada como educativa, se categoriza de forma expressiva enquanto uma profissão feminina.

Outro fator primordial a ser levantado, é que, mesmo com este grande percentual de mulheres atuantes nas produções e pesquisas museológicas, ainda não conseguimos enxergar alterações efetivas nos discursos e nas narrativas museais. Ainda presenciemos uma realidade machista que exclui a participação da mulher enquanto autora política e social, e que desvaloriza as representações femininas e o direito a memória. Esse ponto, contribuí para que cada vez mais seja questionado, não apenas nas comunidades em que os museus estão inseridos, mas principalmente dentro das (os) próprias (os) pesquisadoras (os) museológicas (os), quais as responsabilidades que as (os) mesmas (os) pretendem carregar, e se, estão cientes das injustiças sociais que permanecem perpetuando enquanto detentores dos registros patrimoniais e como estas mulheres estão se relacionando com as coleções e expressões que foram e são constituídas por homens.

Estas problemáticas também se encontram no número inexpressivo de produções sobre os temas levantados, onde, em um total de 1085 trabalhos, apenas 5 abordaram o tema GÊNERO, 2 o FEMINISMO e 2 a SEXUALIDADE, como podemos observar mais claramente no gráfico abaixo:

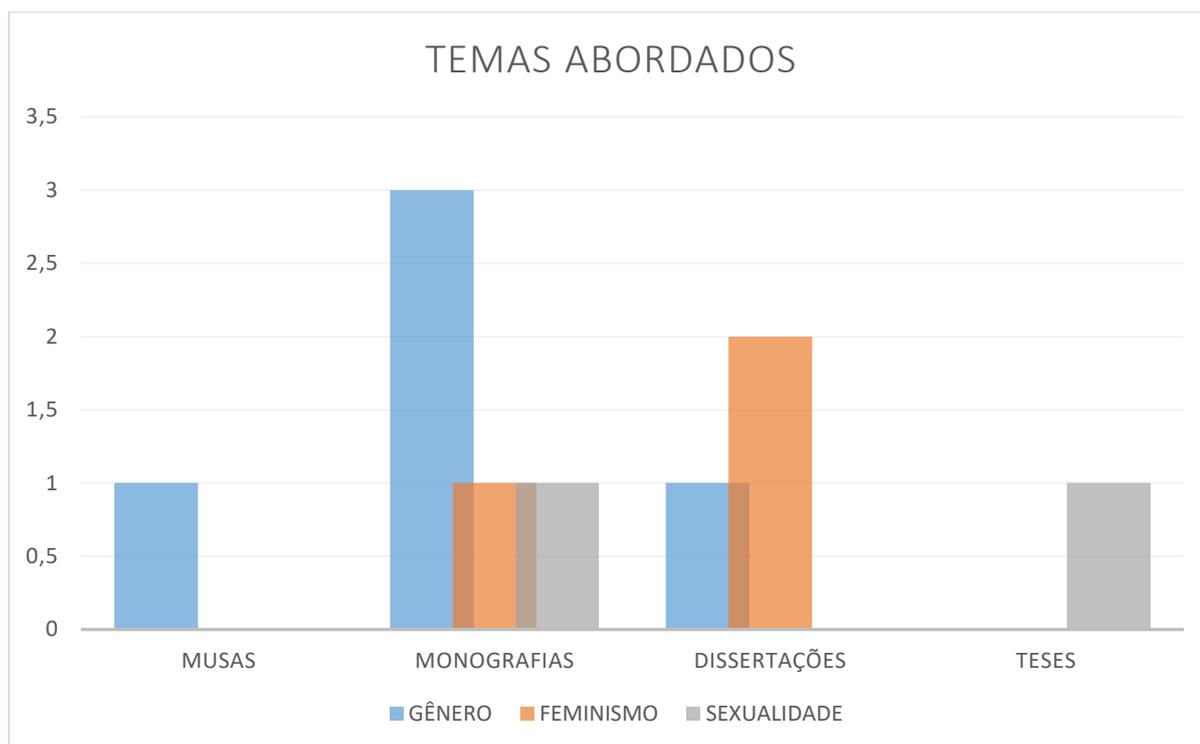


Gráfico 2 - Temas abordados

Estes dados apresentam o quanto ainda é longo o caminho que a Museologia brasileira ainda precisa percorrer para se apresentar como uma área de fato Social, que atua diretamente com as questões de memória e poder, e conseqüentemente com o poder da memória, que proporciona novas leituras históricas e se coloca como uma ferramenta a fim de prover recursos para a igualdade de oportunidade para todos os seres humanos e também para a inclusão social, cultural, histórica e econômica de todas as minorias sociais.

Percebemos que a Museologia é um campo com grandes possibilidades de atuação direta na vida das pessoas, assim como nos mostra a teoria apresentada pela Museologia Social, entretanto, mesmo com este caráter, ainda percebemos a falha em pontos básicos das discussões e continua a se apresentar como uma Museologia tradicional, voltada para o discurso masculino e opressivo.

É necessário, portanto, que comecemos a prover ações diretas que possam contribuir tanto para o campo da Museologia, quanto para a sociedade e realidade que compartilhamos, sendo assim, é que proponho, enquanto uma alternativa facilitadora, a criação de um Museu Virtual, que servirá como um instrumento tanto para mulheres brasileiras, quanto para uma Museologia Feminista.

### **CAPITULO III – NOVAS DEMANDAS TECNOLÓGICAS E MUSEU VIRTUAL**

Neste capítulo já podemos afirmar que a Museologia brasileira, infelizmente, ainda não se ateu a necessidade de acrescentar em suas pesquisas e atuações questões sobre o Feminismo. Principalmente falando de uma Museologia provinda de um país colonizado, e que em toda sua história de criação de nação se manteve por meio de narrativas patriarcais e opressoras, levantar debates sobre a equidade de gênero e fazer uma crítica sobre nossas narrativas passadas e futuras, são fatores primordiais que deveriam ser debatidos em espaços de poder, memória e identidade.

E, diante desta ausência que percebemos nestes espaços e nas produções acadêmicas, é que se justifica a necessidade de pensarmos em novas possibilidades de produzir esse debate e atingir a sociedade de uma forma que ela se sinta incluída no discurso e conseqüentemente capaz prover mudanças efetiva em nossas de realidades.

Sendo assim, é que neste trabalho, viemos propor um Museu Virtual integrado, como uma possibilidade de ações museológicas que possam contribuir para a área, mas principalmente, que possa ser uma ferramenta na busca de equidade social entre homens e mulheres.

Esta proposta se baseia na criação de um museu virtual como espaço de experimentação museológica, envolvendo dois movimentos: O primeiro como uma ferramenta para a preservação e socialização das narrativas pessoais de mulheres, como um espaço comunicativo colaborativo para a difusão das biografias destas mulheres, ser também, um espaço que irá se apresentar como um ambiente de denúncias e de valorização e emancipação econômica feminina, e como segundo movimento, um suporte de pesquisa para estudantes e profissionais de museologia, interessadas/os nas abordagens feministas.

#### **3.1. MUSEU VIRTUAL – CONCEITO**

Pensando nas novas demandas tecnológicas e conseqüentemente a nova sociedade quem vem sendo constituída com o advento da internet, é fundamental que a Museologia e os Museus acompanhem o fluxo dessas inovações e ofereça a sociedade mecanismos que possa garantir um processo de comunicação que atinja a expectativa destes novos públicos.

Rosali Henriques em seu artigo MUSEUS VIRTUAIS E CIBERMUSEUS: A INTERNET E OS MUSEUS, apresenta pontos importantes a serem pensados quando a proposta é a criação de um Museu Virtual.

A Internet está revolucionando a forma como as pessoas se comunicam. E isso não se passa de forma diferente na sua relação com a museologia. Os museus, como qualquer instituição, estão presentes na rede mundial de computadores. A criação de sites de museus proliferou a partir da década de 90, com o avanço da Internet, mas muitos museus ainda nem possuem sites institucionais. E muitos deles possuem sites cujo único objetivo é apenas disponibilizar informações de contato da instituição. (HENRIQUES, 2004, p.1)

A internet possibilita que os museus comuniquem de uma forma mais próxima com o seu público, podendo gerar uma interatividade maior, onde o feedback do público é mais fácil de ser realizado, desta forma, as ações propostas por um museu virtual podem vir a ter mais facilidade de produzir o que realmente o seu público quer ver. Outro fator primordial que demonstra a democracia participativa desta vertente de museus e a possibilidade de “nunca fechar suas portas”, o visitante do museu virtual pode participar do que é oferecido no conforto de sua casa, pelo celular, ou da forma que preferir, não dependendo de se descolar pra uma instituição física com horário de abertura e fechamento, o que em sua maioria é o principal fator de empecilho para a visita de um museu físico.

O Museu Virtual também pode prover uma rede de estudo entre os próprios pesquisadores da Museologia, Museus e no nosso caso do Feminismo. Como um banco de dados natural, o museu pode prover uma relação entre estes pesquisadores, criar ações de debate e conseqüentemente ser ele mesmo um objeto de estudo para a Museologia.

Também é importante ressaltarmos a escolha do termo “MUSEU VIRTUAL”, na era em que quase tudo vem sendo virtualizado, definir como iremos nos apropriar da internet é importante para que não fique dúvidas sobre a real proposta de musealização. A proposta aqui, não é criar um blog, uma página de um museu que já existe na esfera física, um fórum virtual, ou qualquer outro tipo de página de comunicação da qual os museus físicos vêm se atribuindo, a proposta aqui apresentada é criar um museu com todas as suas especificidades da cadeia operatória museológica, entretanto, fazendo a sua criação em totalidade na esfera virtual.

Assim como Henriques aponta,

O museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimônio com os utilizadores. É um museu paralelo e complementar que privilegia a comunicação como forma de envolver e dar a conhecer determinado patrimônio. No nosso entendimento, só pode ser considerado museu virtual, aquele que tem suas ações museológicas, ou parte delas trabalhadas num espaço virtual. (HENRIQUES, 2004, p.11, grifo meu)

Todavia, apesar de sua esfera ser totalizada no âmbito das virtualidades, isso não impede que ações museológicas possam ser realizadas em espaços físicos, o que complementa a potencialização de acesso a variados públicos e o cumprimento do museu de atingir o maior

número de público possíveis e conseqüentemente garantir uma maior difusão do conteúdo proposto pelo museu.

### 3.2. A CRIAÇÃO DO MUSEU VIRTUAL

Para que a criação do museu virtual aqui proposto, não seja feita de maneira aleatória, e que ao contrário, seja criado com a seriedade que se espera de um profissional da Museologia, sentimos a necessidade de buscar na base dos conceitos museológicos orientações que deverão perpassar não apenas na criação do museu, mas, em toda a sua existência.

Dito isto, a primeira definição que se encontra necessária para a elaboração do mesmo é a de Museu, e aqui atribuiremos a definição proposta pelo ICOM 2007, que apresenta o museu como:

Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (CONCEITOS-CHAVES DE MUSEOLOGIA, 2013, p. 64)

Apesar do Museu se propor em caráter prioritário virtual, as novas demandas tecnológicas nos possibilitam que se possa cumprir todos estes pontos apresentados, sem a necessidade da materialidade física, de fato. Lidar com essas novas demandas nos apresenta novos desafios para os processos de salvaguarda, entretanto, as possibilidades são infinitas e a dinamização tecnológica nos apresenta novos caminhos que possam ser percorridos para encontrar um meio termo entre novas possibilidades e mecanismos tradicionais.

Enxergando então, esta instituição como um espaço que irá promover de fato uma interação direta com o público, onde, além do próprio poder escolher como irá fazer o uso do espaço, também contribuirá de maneira direta e indireta para o desenvolver do museu é que este se justifica também pela delimitação de Fato Museológico apresentado por Waldisa Rússo 1990, que apresenta-o sendo:

A relação profunda entre o Homem<sup>5</sup>, sujeito que conhece e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu.

---

<sup>5</sup> Autoras como Aida Rechená aponta a problemática de se empregar o masculino como uma forma neutra. Neste contexto, as mulheres são excluídas dos processos de definições teóricas com a desculpa de neutralidade universal, mas que em linhas gerais predomina a sobreposição do masculino e das masculinidades. Nestes casos a invisibilidade da mulher também corrobora para a manutenção de narrativas pautadas nos universos masculinos e garantindo a existência do mesmo como protagonista. Para a garantia de um estudo de seres humanos e não especificamente em detrimento de homens ou mulheres, os usos destes pronomes devem ser constantemente redefinidos para não constituírem um “falso neutro”.

Ao se pensar na elaboração de um museu e no seu fato museológico é preciso delimitar, portanto, o objeto museal que segundo Rosana Nascimento 1998

O objeto museal não é enfocado como um documento tridimensional, que representa ao ser museificado apenas valor histórico e/ou estético, e sim:

Um meio que através da pesquisa, chega-se ao processo de produção de conhecimento, tendo como vetor a produção cultural do homem, que não é dissociado da rede de relações: sociais, políticas e econômicas na qual foi produzido, tendo um significado cultura de uso, função e movimento no passado e no presente. Ou seja, cuja historicidade do objeto museal representa um corte sincrônico, onde está presente as relações desiguais, diacrônicas, que se expressam na sua história, seja ele material e imaterial.

Esta definição de objeto museal também da bagagem para a proposta que aqui estamos apresentando, elaborar um museu virtual focado no feminismo, promove discussões e produções de conhecimento atingindo todos os pontos levantados como “sociais, políticas e econômicas”.

Sendo assim para dar razão e início as nossas proposições, nos pautamos em Cristina Bruno 1996, que nos aponta que para dar princípio aos processos de construções museológicas é necessário:

1º) identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio.

2º) desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades.

Junto a isto, também encontro referências ao trabalho de Maria Célia Santos (2011), onde em uma experiência museal ela nos traz o processo museológico por base de pesquisa, preservação e comunicação, onde:

Neste fazer museológico pesquisa e comunicação não se dissociaram, se integraram, construindo conhecimento, com base no diálogo, em contextos interativos. [...] Este conhecimento, portanto, está sendo construído na ação museal e para a ação museal, objetivando a construção de uma nova prática.

Sendo assim a conservação “um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social, [...] e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos ” e a comunicação perpassa por todo o fazer museológico. Onde, podemos atribuir o processo museológico trazido por Cristina Bruno (1996) de salvaguarda e comunicação. Sendo salvaguarda a coleta/ estudo, documentação, conservação e armazenamento, e a comunicação referindo a exposição, projetos educativos, ação sócio-educativo-cultural e avaliação.

Partindo do pressuposto que um não caminha sem o outro, onde a salvaguarda e comunicação caminharão juntas durante todo o processo museal.

Neste trabalho, nos manteremos então na proposição específica de um Museu Virtual com o foco no Feminismo, e conseqüentemente, nas Mulheres. Pretendemos que este venha a ser um espaço museológico que possa vir a se tornar um espaço político de promoção, discussão, debate e principalmente acolhedor. Diante disto estamos lidando com três aspectos bastantes relevantes e que serão levados em conta em todo o processo da elaboração da proposta e da criação do museu, sendo estes: o museu não possuir um espaço físico instituído, ao contrário, possuir toda a sua ação principal no âmbito virtual, a proposta de ser um museu participativo e atuante direto na promoção de ações afirmativas e que, portanto, possui suas peculiaridades e especificidades bem distintas de um museu tradicional e, por fim, a peculiaridade na sua concepção de acervo que perpassa entre o patrimônio material e imaterial, que irá produzir acervos, pesquisas, e documentos, mas que acima de tudo, pretende que a constituição de acervo do museu seja criada por e para as mulheres e “visitantes” do museu, onde a própria participante é acervo, é provedora, protagonista e também pesquisadora. Além de direcionar todo seu conteúdo especificamente para movimento social do feminismo e, sendo assim, tendo como fator primordial em todo o processo de construção do museu uma relação direta de memória e identidade com as mulheres.

Por isto, será tido por base os princípios da Museologia Social e como auxílio na construção dessa proposta, a cadeia operatória museológica, ou seja, “Salvaguarda e Comunicação”. Desta forma, para uma melhor concepção da proposta, os percursos serão divididos em subcapítulos que possam vir a cobrir o máximo possível das orientações para a gestão de um museu virtual como também as especificidades de um núcleo político que lidará diretamente com ações afirmativas e sociais.

### **3.2.1. ESCOLHA DO NOME**

Entendendo que todo o trabalho a ser realizado pelo museu será um processo de descobertas e desconstruções, um espaço de valorização ao feminino e de propensão a novas metodologias museológicas, a escolha do nome não poderia ser feita levianamente. Também era necessário levar em consideração que, por ser um espaço virtual, o nome deveria ser de fácil acesso e facilmente lembrado, para que a facilidade do seu uso, inicie-se pela própria busca da plataforma.

Vários nomes foram cogitados explorando caminhos que nos levassem a representações femininas, identificação, aceitação, empoderamento e também remetesse a novas propostas museológicas. E depois de muita pesquisa e levantamento de opiniões de mulheres e museólogas foi então definido o nome “TEMPLO DAS MUSAS”.

É de conhecimento geral que a origem dos museus perpassa pela história direta com o Templo das Musas, ou posteriormente conhecido como Museion. As musas eram filhas de Zeus e Mnemosine, a deusa da memória. Eram 9 Musas, e seus nomes eram: Calíope, Clio, Érato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Terpsícore, Talia e Urânia. Cada uma possuía uma característica que chamava a atenção, alegravam e proporcionavam momentos de lazer e sabedoria aos humanos. Sendo assim, o lugar onde estas musas entravam em contato com os seres humanos foi chamado de Templo das Musas (Museion), este então passou a ser um espaço de contemplação e desenvolvimento da ciências, artes e história. Um espaço onde as Musas eram protagonistas e a partir delas se desenvolveu o que hoje conhecemos como museu.

Portanto, nada melhor para um espaço destinado especificamente para a mulher, ser denominado como Templo das Musas, entretanto, o nome aqui é abordado por questões políticas, o mesmo em relação ao patrimônio que será construído dentro do museu, o que provocará nos participantes uma releitura aos termos “templo” e “musas”.

O museu aqui proposto não será meramente um espaço para deleite e apreciação, mais além disso, será um espaço que deverá ser fórum para questões políticas e culturais, neste sentido, o termo “Templo” se ressignifica, assim como a própria concepção de museu. Aqui, o termo “Templo” não se caracteriza como um espaço tradicional e de arquitetura majestosa, com suas paredes brancas e ar gélido, ao contrário, nosso templo é um espaço de confraternização e apoio, onde cada um pode aprender e oferecer o que considerar relevante para o museu, um templo que poderá ser acessado e construído em qualquer espaço que seja desejado.

O outro ponto é a palavra Musas, em sua origem foi designada como mulheres com características particulares e que proporcionavam arte, história e filosofia, com o passar do tempo e na atualidade esse conceito acaba sendo atribuído para apreciação física, “musas” são mulheres que se enquadram dentro de um padrão normativo de nossa sociedade vigente, ou seja, mulheres esbeltas, bonitas, de aparência perfeita, que levam a uma objetificação do corpo da mulher, a tratando meramente como objeto sexual de prazer masculino. Em nosso museu, este conceito será redirecionado para mulheres comuns, mulheres do dia-a-dia, mas que tem a oferecer uma infinidade de conhecimentos e de possibilidades. Neste sentido, percebemos que

não é necessário mantermos padrões, sejam estes estéticos ou intelectuais, cada mulher possui uma musa dentro de si, e vale ser prestigiada.

Portanto, o Museu Virtual Templo das Musas (MVTM), irá refletir um espaço de luta feminista, de valorização a história da mulher, de ressignificação de práticas museológicas e um espaço para difusão de informações e rede de acolhimento feminino.



Figura 4 - Templo das Musas

### 3.2.2. OBJETIVOS

#### OBJETIVO GERAL:

Prover mecanismos por meio da propagação e salvaguarda da memória e história de mulheres, que possam auxiliar no processo de equidade entre homens e mulheres e uma vivência humana mais justa por meio do empoderamento feminino e da libertação de padrões opressores.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender o movimento feminista como ferramenta de transformação da realidade, desvelando sua potencialidade nos processos de libertação da mulher e na busca de equidade entre os gêneros, em processos de salvaguarda da memória e Museologia Social;
- Analisar o movimento Feminista do ponto de vista patrimonial e museológico, por meio de levantamentos históricos de grupos, indivíduos e ações concretas relacionadas a esse movimento;
- Promover atividades socioeducativas destinadas a mulheres em risco de vulnerabilidade;
- Incentivar atividades e ações voltadas para a conscientização acerca da necessidade do feminismo e das opressões que ainda são impostas para as mulheres em suas variadas interseccionalidades.
- Promover um espaço de visibilidade e possibilidades econômicas para artistas mulheres independentes ou de coletivos femininos.
- Incentivar a produção de pesquisas museológicas no campo do feminismo e da Museologia Social
- Prover um banco de dados para a disseminação de artigos acadêmicos, pesquisas e quais outros trabalhos teóricos e práticos que perpassem pelo campo de uma museologia voltada para mulheres, feminismo, gênero e sexualidades.
- Ser o próprio museu uma ferramenta para pesquisas e experimentação museológica e feminista.

### 3.2.3. PROCESSOS MUSEOLÓGICOS

#### SALVAGUARDA PATRIMONIAL

Quando pensamos na salvaguarda dos acervos que serão concebidos dentro da proposta do MVTM, temos que ir além do óbvio, pensar além de um acervo material, de objetos históricos e obras de arte conservadas dentro de uma reserva com pouco acesso ao público comum, mas deve-se pensar principalmente em como estes acervos serão construídos e no processo de produção do próprio acervo. Pensar em mecanismos que irão prover elementos importantes para a cadeira operatória museológica, mas respeitando o espaço das imaterialidades, repensar o conceito concreto de acervos e assim, prover ações de auxílio a

preservação de fatores que possam contribuir significativamente com o movimento feminista, e conseqüentemente com as mulheres e a Museologia.

Durante todo o processo de criação e de constituição do museu, deve-se pensar em ferramentas que garantirão a voz das mulheres, independentes de sua condição social, cultural ou etária, mais principalmente pensar nas mulheres que se encontram em situação de maiores vulnerabilidades sociais, como mulheres negras e da periferia. Reconhecendo então a criação e salvaguarda destes acervos como um processo de reconstruções identitárias, de memórias sociais e empoderamento que leva em conta as diferenças sociais, mais também as semelhanças que nos unem enquanto categoria mulher.

Portanto pensar esses processos de Salvaguarda nos coloca na responsabilidade de não apenas prover recursos que garantam as peculiaridades artísticas, históricas, culturais e biográficas que o movimento feminista gera e que por si só já configuram uma especificidade importante de ser conservada e comunicada, mas além disso, é pensar formas que garantam a possibilidade da emancipação feminina por meio da divulgação de histórias pessoais, da construção de uma ideologia social por meio da construção de uma rede de apoio, fazer ações políticas feministas e proporcionar caminhos e escolhas para aquelas mulheres que se encontra em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Para isto, é necessário ter em mente que pensar essas estratégias de salvaguarda é possuir um caráter essencialmente inovador e integrador que destoa positivamente entre as formas tradicionais de preservação de acervos museológicos, é pensar também meios de prover uma saída para a busca de equidade entre os gêneros e a independência cultural, social, política e racial das mulheres.

## ACERVO

O Acervo do Museu será preservado preferencialmente por meio digital, todo o material que for desenvolvido e exposto dentro do mesmo, será constituído como acervo, neste caso poderemos conter com fotografias, vídeos, áudios como também arquivos de textos, materiais gráficos e qualquer outra ferramenta digital que possa vir a compor o museu. Esse acervo será construído e produzido por mulheres que se sentirem contempladas com a proposta do museu, e queira fazer parte da construção do mesmo, também será aberto o espaço para mulheres artistas promoverem seus trabalhos, não apenas esteticamente, mas se for o caso, também economicamente. Sendo assim, para além dos suportes digitais, o principal acervo do museu

irá se basear nas biografias das mulheres, em suas histórias e narrativas pessoais, as mulheres serão a construção e o próprio acervo.

Desta forma acreditamos que o museu cumprirá sua função social na prática direta, onde o processo será criado, constituído e conservado pelas próprias interessadas. Acredito que neste processo a relação com o museu será muito além de apenas visitantes, mas de pertencentes, e com isto valorizar ainda mais a importância da mulher na sociedade e promover a transformação da estima de cada uma participante, onde irá ter a consciência que sua relação com a sociedade é significativa.

## DOCUMENTAÇÃO

De acordo com a forma em que o museu está sendo constituído o processo de documentação é um fator primordial, sem esta modalidade museológica será impossível constituir um museu do porte que está sendo proposto, pois ela garantirá além da organização dos acervos que serão compostos, também a possibilidade de pesquisas e levantamento de dados, tanto no campo da museologia enquanto instrumento de preservação da memória, como em outras áreas do conhecimento como história, antropologia, ciências sociais e etc.

Todavia, a documentação não precisa se tornar uma atividade maçante, serão designadas fichas de rápido preenchimento em que a própria pessoa que irá propor uma exposição ou a participação com sua biografia estaria capacitada para preencher. Entretanto, deverá sempre ter o controle de um museólogo para garantir o cumprimento da elaboração das fichas de maneira que a mesma possa cumprir seu caráter informativo, não apenas de informações técnicas, mas que possa oferecer informações que promovam documentos para pesquisas quantitativas e qualitativas sobre mulheres e feminismo.

## MODELO DE FICHA DOCUMENTAL



**MUSEU VIRTUAL  
TEMPLO DAS MUSAS  
FICHA DE DOCUMENTAÇÃO**

F.:1

Número do Acervo:	Tipologia de Acervo

Localização do Acervo:	
Título:	Fotografia
Autor:	
Forma de Aquisição:	Data de Aquisição:
Exposição Relacionada:	Responsável pela Aquisição:
Coleção:	
Procedência:	
Dimensões:	
Histórico do Acervo:	
Descrição do Objeto:	
Observações:	
Responsável pela Ficha	Data

## AÇÕES DE COMUNICAÇÃO

Como estamos lidando com um Museu Virtual, a comunicação já está diretamente ligada em sua proposta, todas ações realizadas serão comunicativas. Neste processo teremos além de exposições de curta e longa duração, também poderão ser realizadas atividades presenciais e a distância.

Neste sentido são várias as possibilidades que podem surgir durante o processo do Museu, lembrando que o mesmo estará sempre em (re) construção, portanto, a partir do instante em que as demandas forem aparecendo e as medidas políticas se tornem importantes, podem ser ofertados seminários presenciais, cursos, palestras, entre outras atividades, também poderão ser realizado parcerias com coletivos feministas e usar a plataforma do museu como mecanismo de disseminação de ações já realizadas como encontro de mulheres e protestos feministas.

Também pode ser levado em consideração parcerias com universidades, outras instituições museais e escolas do ensino básico. Este último item deve ser analisado com muito empenho para que o movimento feminista possa ser levado a uma geração que ainda está se formando.

## EXPOGRAFIA

Assim como em um museu tradicional, reconheço que a comunicação é um dos fatores principais dentro do processo museológico, sendo assim, a exposição será direcionada entre Longa e Curta duração, entretanto, o ambiente a ser construído virtualmente proporcionará variadas formas das mesmas serem realizadas, podendo ser produzidas inúmeras possibilidades expográficas, onde o foco principal será a participação direta e indireta das mulheres que irão se identificar com o museu. A exposição de longa duração é a atividade principal pela qual o museu se propõe, onde será instigado a participação de mulheres que enviem vídeos biográficos contando suas histórias de vida, suas lutas e vitórias. Essa exposição pretende enaltecer a realidade de mulheres “comuns” e oferecer a elas uma oportunidade de pertencerem a um espaço de poder, essas biografias também contribuirão para se constituir uma rede de mulheres, onde uma poderá se reconhecer na história da outra, e encontrar pontos de comunhão e força.

As exposições de curta duração também estarão em aberto para a participação de mulheres que se reconheçam no trabalho, neste espaço pode ser construído exposições

artísticas, informativas, histórias, pedagógicas ou quais quer material que possa servir para dar visibilidade e apoio econômico para as mulheres.

## AÇÃO EDUCATIVA

As ações educativas a serem realizadas deverão abordar tanto, ações de cunho social, quanto atividades voltadas especificamente para a educação patrimonial e pesquisas museológicas. Como já levantado anteriormente estas atividades poderão ser realizadas em caráter virtual e físico, por meio de parcerias e providas também por demandas que surgirem durante todo o processo de musealização.

Uma ação que pode ser constituída com uma maior periodicidade é a criação de um ponto de memória feminista, onde este poderia ser dinamizado para se tornar uma ligação de solidariedade feminina. As mulheres que poderiam (e deveriam) participar desta ação, independentemente de quais sejam, estarão carregadas de memórias e identidades que fazem parte do seu cotidiano e seu modo de viver, neste sentido, está ação não será voltadas para o ensino de uma história desconhecida a um público específico, proporcionará reconhecimento e identificação, as mulheres poderão aprender sobre elas mesmos, como seu patrimônio é significativo para a sociedade como um todo e como elas podem atribuir suas identidades para conhecer o mundo para além do que já conhecem.

Também poderiam ser realizados kit pedagógicos para serem trabalhados em parcerias com escolas do ensino básico, ações colaborativas com professoras (es) e também auxílio museológico para a realização de exposições escolares realizadas pelos próprios alunos, contando com a temática feminista.

São várias as possibilidades de ações educativas que podem surgir no desenvolver da vida do museu, ações virtuais também podem ser realizadas como criação de quizzes informativos, jogos educativos, salas de interação como fóruns e bate-papo, participação direta nas redes sociais, entre outros mecanismos.

A utilização da virtualidade é um ponto positivo pois possibilita um novo mundo de ações que possam ser realizadas de maneira mais prática, econômica e dinâmica, e não impede que também possam ser atribuídos ações físicas em variados espaços o que também proporciona uma gama maior de variedade de locais que possam ser ocupados e re (utilizados) por mulheres e interessados.

## ESTUDO DE PÚBLICO

Os estudos de público aqui podem ser um grande aliado para o desenvolvimento do museu e da construção do movimento feminista enquanto um auxiliador de fato, político e transformador. Neste caso, este estudo não estará ligado a melhora de serviços físicos ofertados no museu, como são realizadas em diversas instituições museais, mas além de prover um feedback sobre o espaço virtual do museu e da facilidade (ou não) do acesso as informações que estarão dispostas, poderão também estar intrinsecamente ligado ao marketing, à pesquisa, à educação, à comunicação e à difusão de conhecimento.

Neste caso, poderão ser realizado pesquisas para que tenhamos um entendimento maior das mulheres que irão participar das atividades propostas pelo museu, conhecendo suas características socioeconômicas, educativas e culturais, a partir destas demandas específicas podem ser ofertadas atividades direcionadoras e eficientes, também irá proporcionar uma ideia de quais não estão participando efetivamente e a partir daí, identificar o porquê da não participação e também prover ações para que mais mulheres possam ter a oportunidade de se integrar ao museu.

Terá permanentemente no museu um espaço de “Fale Conosco” onde poderá ser um espaço para a construção de feedbacks, também pode ser criado uma espécie de livro de visitas virtuais em cada exposição a ser criada, como espaços de comentário e socialização.

Os estudos de públicos realizados poderão abranger variadas formas de pesquisa, devido a peculiaridade virtual ao qual o museu se propõe, mas principalmente por contemplar um movimento social carregado de diferenças e singularidades e que acarretará em uma variedade de identidades culturais que poderão participar, os estudos de público poderão servir como ferramentas importantíssimas para pesquisadores das áreas de ciências humanas, museologia, patrimônio e feminismo.

## ESTRUTURA

A estrutura visual do MVTM será composta por uma perspectiva facilitadora, que proporcionará ao visitante um acesso tranquilo e exploratório, onde o mesmo poderá decidir quais espaços do museu pretende visitar sem a necessidade de seguir uma orientação exata para atingir um determinado conhecimento. O quadro abaixo irá demonstrar como se darão os comandos e sub comandos que irão compor a plataforma.

Quadro 6 - Quadro de estrutura do MVTM

HOME	SOBRE O MUSEU	EXPOSIÇÕES	ACERVO	AÇÃO EDUCATIVA	DOCUMENTAÇÃO	PESQUISA	BLOG	LOJA	FALE CONOSCO
	APRESENTAÇÃO	EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO	COLEÇÕES	KIT PEDAGÓGICO	FICHAS DOCUMENTAIS	SUB ITENS DE TEMAS DE PESQUISA			
	PLANO MUSEOLÓGICO	EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO		EVENTOS					
	EQUIPE	SEJA UMA CURADORA		AÇÕES SOCIAIS					

No item HOME, será a área principal do MVTM, ele irá se assemelhar a recepção de um museu físico, nesta página irão conter os assuntos principais que estarão sendo abordados no museu, reportagens que serão construídas nos blogs, ações que poderão estar sendo desenvolvidas, introdução para as exposições e informações básicas sobre o museu. Na figura abaixo apresento uma proposta de como poderá ser construído a HOME do MVTM

HOME SOBRE EXPOSIÇÕES ACERVO ÁREA EDUCATIVA DOCUMENTAÇÃO PESQUISA BLOG LOJA FALE CONOSCO

# UM MUSEU FEMINISTA

NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER

Entende mais [Entre e confira](#)

## SE ENVOLVA

O Templo das Múusas foi feito para você, para todas nós e por todas nós. Um espaço para dar visibilidade a todas as mulheres e formar uma rede de amor e conhecimento. Aqui, além de você pode pesquisar e auxiliar nesse processo emancipador de todas nós, você também pode colaborar efetivamente com sua história, pode nos enviar um vídeo biográfico ou suas produções artísticas, assim sua história ficará preservada em nosso museu, podendo ser compartilhada, pesquisada, e principalmente, se tornar uma ferramenta de empoderamento feminino.

[SAIBA MAIS >](#)

[SAIBA MAIS >](#)

[SAIBA MAIS >](#)

### Exposição - Narrativas de Si

Entrevista com Maria Brasil

[VEJA TODOS >](#)

### Próximo Evento

BRASIL, MOSTRA SUA FACE

26 de Novembro de 2017

Exposição Brasil Mostra sua Face

[SAIBA MAIS >](#)

## NOSSO BLOG

Post do blog 1

[SAIBA MAIS >](#)

Post do blog 2

[SAIBA MAIS >](#)

Post do blog 3

[SAIBA MAIS >](#)

Post do blog 4

[SAIBA MAIS >](#)

All Rights Reserved

Figura 5 - HOME MVTM

No Link **SOBRE O MUSEU** serão trazidos mais 3 sublinks: Apresentação - Plano Museológico – Equipe, cada um destes será redirecionado para uma nova página que irão conter as informações relevantes. Na aba apresentações será apresentado um pequeno texto contanto a história da criação do museu, o que o mesmo propõe, bem como suas metas e missão. Na aba

Plano Museológico deverá constar o plano que deverá ser feito para uma gestão efetiva do museu, este item será de extrema importância para que futuramente o museu possa ser de fato concebido dentro dos parâmetros museológicos e possa servir como base de pesquisa e apoio. Em equipe será apresentado todos os profissionais que contribuíram para a construção do museu, e os que participaram da sua organização e manutenção diária.

No item Exposições será apresentado mais 3 opções, Exposição de Curta duração – Exposição de Longa duração – Seja uma curadora. No espaço de exposições de curta duração irão ser apresentadas exposições variadas e temáticas, este será um espaço para promoção de mulheres artistas que queiram dar mais evidencia a suas obras, também poderão ser realizadas exposições de variados temas e pesquisas diferentes, nesse espaço o ambiente é livre, a única exigência é que o tema seja provindo de estudos relacionado a mulheres e feminismo. Para a exposição de longa duração serão direcionados os vídeos com as biografias das mulheres, esta exposição contara com o nome Narrativas de Si, onde, mulheres que se identificarem com o projeto proposto poderão enviar seus vídeos contando suas histórias, trajetórias e a partir disso inspirar novas mulheres e auxiliar no processo de valorização e salvaguarda da memória e identidade feminina. Em Seja uma curadora, será o espaço onde contará as instruções necessárias para se propor uma exposição para o MVTM ou para a criação de uma exposição física em outro ambiente, mas que poderá conter com o apoio da equipe do MVTM.

A parte do Acervo será subdividido em coleções, cada exposição irá gerar uma coleção que será organizada pela numeração recebida em sua ficha documental, caso a exposição já tenha saído do ar, os elementos digitais que foram dispostos na exposição serão guardados neste espaço. Este espaço se assemelhará como uma reserva técnica, entretanto, com o caráter predominantemente digital. Para um maior controle destes acervos também será construído um espaço no Google Drive que irá ser realizados backups recorrentes para que não haja a perda de nenhum dos elementos que irão integrar o museu.

O item de Documentação se assemelha ao item acervo, entretanto, nesse espaço serão apresentados apenas as fichas documentais, assim como em um museu físico, o pesquisador poderá primeiramente recorrer as fichas e caso os dados que precise não seja suprido neste documento poderá recorrer ao espaço de acervo ou entrar em contato com o museu para maiores informações.

A parte da pesquisa será um espaço para promoção de trabalhos relacionados a Museologia Social e ao Feminismo, aqui será construído um banco de dados onde serão dispostos os trabalhos brasileiros já produzidos sobre os temas acima. Assim como nas

exposições, aqui o próprio visitante pode solicitar a inclusão do seu trabalho. Desta forma será constituído um espaço rico para a pesquisa bibliográfica como também um mecanismo de divulgação de trabalhos e uma facilidade maior em acessar as autoras e autores.

O Blog será um espaço para a difusão de conteúdo, neste será construído matérias informativas que irá produzir o efeito de dinamicidade que um museu virtual necessita, desta forma, o MVTM estará sempre promovendo conteúdos atualizados e conseqüentemente promovendo meios para que o espaço esteja sempre sendo visitado. Este espaço também será composto por informações políticas, culturais, artísticas, históricas e quais quer outro tema que tenha como foco principal: Mulheres; Feminismo e Museologia.

A Loja será um mecanismo de prover renda para a permanência ativa do museu, neste espaço poderão ser comercializados artigos com a temática feminista como camisetas, canecas, almofadas, artes gráficas, entre outros. Este espaço também pode ser destinado para mulheres empreendedoras individuais e que por meio de parceria, possa usar o espaço para comercializar seus produtos, como por exemplo, artistas que apresentem uma exposição, mas também coloquem suas produções a venda.

No último item de Fale Conosco será o espaço onde constará todas as formas de se entrar em contato com a equipe do museu para solucionar dúvidas, realizar feedback, propor ações ou quais quer outras demandas que possa vir a surgir do visitante do museu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos aqui que o movimento feminista passou por diversas linhas de atuação teórica e política e ainda se coloca como uma ferramenta importante em nossa sociedade vigente, em busca de mecanismos que possam promover uma maior qualidade de vida para as mulheres em todas as suas interseccionalidades, bem como a diminuição das opressões que são atribuídas diariamente em suas diversas formas e que contribuem para a manutenção de uma sociedade machista e opressora, tendo o homem como sujeito principal e conseqüentemente a mulher como elemento subalterno. Neste sentido, percebemos a importância de utilizarmos as produções acadêmicas e levantamentos teóricos em prol dos movimentos políticos e de ações diretas.

Na pesquisa realizada neste trabalho, chegamos à conclusão de que a Museologia brasileira ainda tem muito que caminhar em direção a uma abordagem que compreenda as relações de gênero e feminismo e que proporcione reflexões acerca das redefinições de suas concepções teóricas em benefício de uma narrativa democrática participativa que promova ações que trate a mulher e o homem enquanto sujeitos protagonistas como igual, abandonando as narrativas masculinas e as histórias das mulheres centradas em estudos de domesticidades, têxteis e familiares.

Percebemos que o número de trabalhos que se propõe a tecer problemáticas que envolvam as questões de gênero e feminismo ainda são inexpressivas em nosso cenário nacional, o que apresenta que estas concepções ainda não são aceitas, ou consideradas menos importante pelas (os) museólogas (os) e instituições museais. Mesmo aquelas que se baseiam em uma Museologia Social ainda deixam por desejar em suas abordagens e contemplam ações que continuam a construir sistemas e narrativas que denominam o homem como objeto central de estudo.

É papel da Museologia oferecer as mulheres não apenas o direito a memória e a perpetuação de sua atuação nos processos históricos, mas, além disso, prover mecanismos que possam garantir ações efetivas na realidade atual destas mulheres, prover ações de libertação econômica, social e cultural, enaltecer suas biografias e suas escritas de si. Somente, a partir de uma libertação feminina e da promoção do empoderamento de cada mulher é que poderemos pensar em estudos que olhe para todos enquanto humanos e não como objetos sexualizados.

Portanto, uma Museologia Feminista seria aquela que proporcionaria mecanismos que valorizassem a contribuição e participação da Mulher na sociedade e nos espaços de poder em

que participa, realçando a produção artística, biográfica e cultural, bem como analisando os bens culturais e patrimoniais provindos de mulheres que surgem constantemente, como também os que já são frutos de pesquisas nas instituições de museus já existentes. E também ser uma ferramenta de luta na difusão de denúncias de violências e abusos sofridos diariamente por mulheres, como também um meio de conscientização de direitos que cada mulher possui e quais os mecanismos que se pode recorrer em casos de violência (física, moral e psicológica).

Vale ressaltar que ai não questionamos a necessidade de outras abordagens que possam promover uma democracia participativa e de igual direito para todas as minorias sociais, entretanto, cada interseccionalidades possui sua própria luta e suas próprias demandas, teoricamente podemos comunga-las todas em um mesmo balaio nos estudos de Gênero, mas, se não obtivermos ações pontuais para cada ponto, podemos cair no risco de homogeneizar os estudos e ao invés de propor ações diretas e transformadoras, produziremos mais do mesmo.

Continuar promovendo uma Museologia pautada nos estudos de objetos e coleções com um falso discurso neutro, mas que predomina a exclusão das narrativas femininas não possibilita uma transformação social e nem se torna palco para discussões que aborde as relações do sujeito como provedor de seu próprio patrimônio cultural e histórico. Portanto, consideramos que a utilização de novas abordagens museológicas bem como o emprego das novas demandas tecnológicas possa promover uma interação mais efetiva entre as pessoas, seus patrimônios e as comunidades em que estão inseridas.

Fazer uso das novas possibilidades midiáticas nos impulsiona a reavaliar as definições de museus e prover novas possibilidades de interação, alcançando públicos ainda inalcançados pelos museus tradicionais, como a teoria da Museologia Social pretende. Nos garante uma possibilidade de reclassificar o culto as coleções materiais e darmos significado prioritariamente as pessoas e as sociedades, estas novas demandas também propiciam a autonomia do discurso para aquele que constrói seu próprio patrimônio, e utilizando o mesmo como uma ferramenta de produção de conhecimento histórico e crítico. E, relacionar estas novas demandas com abordagens feministas significa prover de fato uma Museologia que contribua efetivamente para a construção de uma sociedade que coexista em comunhão com suas múltiplas identidades sociais e culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ALVES, Marcos Francisco. **Caminhos da Pesquisa Museológica no Brasil; Temas e tendências nos Trabalhos de Conclusão de Curso (2008-2014)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016.

BRUNO, Cristina. “**Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar**”. In: Bruno, Cristina. *Museologia e comunicação*. Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9). p. 09-38.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. – 13ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHAGAS, Mario. GOUVEIA, Inês. (2014) **Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)**. In *Museologia Social*. Cadernos do Ceom. Ano 27, nº 41. Chapecó: Unochapecó, 9-22.

DESVALLÉS, André. MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Tradução e comentários. São Paulo: Comitê

Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação.** In: Cadernos Museológicos. V. 3. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura da Presidência da República/ Instituto Brasileiro do Patrimônio cultura, 1990.

HARAWAY, Donna. **“Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra.** Tradução: Mariza Corrêa; Revisão Iara Beleli. Cadernos Pagu (22), 2004, pp 201 – 246

HENRIQUES, Rosali. **Museus Virtuais e Cibermuseus: A Internet e os Museus.** In. Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa”. Trabalho de Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2004.

NASCIMENTO, Rosana. **O objeto museal como objeto de conhecimento.** Cadernos de Museologia, nº 3. Lisboa, Portugal: ULHT, 1994.

PAGU. **Maltus Além.** O Homem do Povo. 1931.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

PISCITELLI, Adriana. **Recriando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

RAGO, Margareth. **Cartografias de si no feminismo da diferença: Amelinha, Gabriela, Norma.** Revista Gênero, 2009.

RECHENA, Aída Maria Dionísio. **Museologia Social e Gênero.** Cadernos do CEOM – V. 27, n. 41 - Museologia Social – Dez. 2014.

RECHENA, Aída Maria Dionísio. **Sociomuseologia e Género: Imagens da Muselher em exposições de museus Portugueses.** Trabalho de Tese de Doutorado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2011.

SANTOS, Maria Célia T, M. **Processo museológico e educação: contribuições e perspectivas.** Revista Eletrônica EducaMuseu, Ano 1, Número 1, Agosto 2011.

SCHOLSE, Lia. **NARRATIVAS DE SI: O olhar feminino nas históricas de trabalho.** Trabalho de Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul. /dez. 1995.

TOLENTINO, Atila Bezerra. **Museologia social: apontamentos históricos e conceituais.** Cadernos de Sociomuseologia 8-2016.

VAQUINHAS, Irene. **Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história.** MIDAS [Online], 3 | 2014.